

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

DAVI OLIVEIRA BÔA SORTE

**DIMENSÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PASTORES DAS ASSEMBLEIAS
DE DEUS: CAUSAS POTENCIAIS E MEDIDAS PREVENTIVAS**

São Leopoldo

2021

DAVI OLIVEIRA BÔA SORTE

**DIMENSÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PASTORES DAS ASSEMBLEIAS
DE DEUS: CAUSAS POTENCIAIS E MEDIDAS PREVENTIVAS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Pessoa Orientadora: Dr. Nilton Eliseu Herbes

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S714d Sorte, Davi Oliveira Boa
Dimensões do sofrimento psíquico em pastores das
Assembleias de Deus : causas potenciais e medidas
preventivas / Davi Oliveira Boa Sorte ; orientador Nilton
Eliseu Herbes. – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.
75 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2021.

1. Assembleia de Deus. 2. Sofrimento – Aspectos
psicológicos. 3. Burnout (Psicologia). I. Herbes, Nilton Eliseu,
orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DAVI OLIVEIRA BÔA SORTE

**DIMENSÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PASTORES DAS
ASSEMBLEIAS DE DEUS: CAUSAS POTENCIAIS E MEDIDAS
PREVENTIVAS**

Dissertação de Mestrado
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-
Graduação em Teologia -
Área de concentração:
Teologia e Sociedade
Linha de Atuação:
*Dimensões do Cuidado e
Práticas Sociais*

Data de aprovação: 5 de janeiro de 2022

Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes

*Presidente da banca
Participação por videoconferência*

Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto

*Faculdades EST
Participação por videoconferência*

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

*CEEDUC
Participação por videoconferência*

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelas suas misericórdias infinitas, pelo conforto do Espírito Santo perene em minha vida, e pela graça de Jesus Cristo, nosso eterno Salvador.

À minha esposa amada, Walquíria Fernandes Boa Sorte, pelo apoio integral, palavras de incentivo e encorajamento nos momentos de desânimo e dificuldades enfrentadas durante o curso.

Ao meu filho Antônio Leonardo, às minhas filhas Késia e Bianca, ao meu genro Janderson Nascimento, joias preciosas em minha vida, obrigado pelas orações e amizade sincera.

Aos meus sogros Dodô e Marilene, vocês são bênçãos de Deus e sempre contei com vossas generosas orações e apoio.

Aos meus pais, Sebastião Pereira Boa Sorte (in memoriam) e Anísia Francisca de Oliveira, que sempre investiram em mim e acreditaram em meu crescimento espiritual e intelectual.

À minha igreja Assembleia de Deus, que através de seu Ministério e Diretoria, liberou o tempo necessário aos meus estudos.

Aos pastores assembleianos, que com tanto zelo e amor, cuidam do Rebanho de Deus na terra, fonte para a minha pesquisa.

Agradeço com carinho à EST, instituição acolhedora e comprometida com uma educação do mais alto nível oferecido a todos os seus alunos.

Ao pastor Antônio, pelos conselhos e ajuda pastoral.

Ao digníssimo Reitor, Dr. Wilhelm Wachholz, pessoa ricamente abençoada por Deus, sempre disponível e acessível.

À coordenadora do Mestrado, Dra. Gisela Isolde Waechter Streck, alma pura e um ser humano incrível, que prontamente esteve ao meu lado sempre que precisei de suas meigas palavras de apoio e incentivo acadêmico.

Ao meu orientador, Dr. Nilton Eliseu Herbes, sem palavras para agradecer esse amado professor, que me orientou do começo ao fim de minha pesquisa, pela sensibilidade entre rigor acadêmico e poemênica, pela disponibilidade em me conduzir por esta caminhada, com afeto, carinho e pureza de alma. Obrigado meu amado orientador, professor e pastor. Deus te abençoe infinitamente.

“Os homens não são perturbados por coisas, mas sim pela opinião que têm delas. Capturam a essência da perspectiva de que nossas ideias ou pensamentos são uma força controladora em nossa vida emocional”. (Epicteto).

RESUMO

O sofrimento psíquico em líderes religiosos é objeto de estudos recentes na teologia, na psicologia, na medicina e em outras ciências voltadas para esse campo do conhecimento humano. Por isso, essa pesquisa que está dividida em três capítulos, além da introdução e da conclusão, se ocupará com questões relacionadas ao sofrimento psíquico em pastores das Assembleias de Deus: os tipos de sofrimentos psíquicos; seus dados e suas estatísticas; a rotina ministerial dos pastores; as redes de apoio importantes na luta contra o sofrimento psíquico. A pesquisa analisará definições de termos como sofrimento psíquico, culpa, síndrome de *burnout*, depressão e suicídio, buscando identificar as causas potenciais e prevenções saudáveis que proporcionem qualidade de vida aos pastores afetados.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico. Assembleia de Deus. Culpa. *Burnout*.

ABSTRACT

Psychic suffering of religious leaders is the object of recent studies in theology, psychology, medicine and other sciences focused on this field of human knowledge. Therefore, this research, which is divided into three chapters, in addition to the introduction and conclusion, will deal with issues related to the psychic suffering of pastors of the Assemblies of God: the types of psychic suffering; its data and statistics; the ministerial routine of the pastors; the important support networks in the fight against psychic suffering. The research will analyze definitions of terms such as psychological distress, guilt, burnout syndrome, depression and suicide, seeking to identify potential causes and healthy preventions that could provide quality of life for affected pastors.

Keywords: Psychic suffering. Assembly of God. Guilt. Burnout

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS	19
2.1 HISTÓRIA	19
2.2 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	22
2.2.1 Formas de governo	23
2.2.2 Campos, Ministérios e Convenções	25
2.2.3 Hierarquia ministerial.....	25
2.2.4 Educação teológica.....	26
2.3 O PASTOR ASSEMBLEIANO	28
2.4 ROTINA E ATIVIDADES PASTORAIS	30
2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PROPOSTA DE CUIDADO PASTORAL	32
3 PASTORES NO LIMITE DO ESGOTAMENTO	33
3.1 FATORES DE SOFRIMENTO PSÍQUICO	33
3.1.1 Solidão	34
3.1.2 Sentimento de culpa	36
3.1.3 Ansiedade	37
3.1.4 Estresse	39
3.1.5 Depressão	41
3.1.6 Síndrome de <i>Burnout</i>	43
3.1.7 Risco de Suicídio	46
3.2 SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PASTORES	47
3.2.1 O sofrimento psíquico em pastores	48
3.2.2 Quando a dor se torna insuportável.....	49
4 UMA IGREJA ASSEMBLEIANA QUE CUIDA	51
4.1 RELAÇÃO IGREJA E PASTORES	51
4.2 CAUSAS POTENCIAIS DO ADOECIMENTO DE PASTORES	52
4.2.1 A forma de organização do trabalho	52
4.2.2 A ideia de que o pastor é um ser especial	53
4.2.3 A pressão da autocobrança e da cobrança da igreja.....	54
4.3 MEIOS DE PREVENÇÃO DO ESGOTAMENTO PASTORAL	55
4.3.1. A autodiferenciação como recurso preventivo	56
4.3.2 A mentoria torna-se imprescindível à caminhada.....	57
4.3.3 A relevância do cuidado para a saúde mental.....	59
4.4 REDE DE APOIO A PASTORES EM SOFRIMENTO PSÍQUICO	60
4.4.1 Cuidar de si para cuidar de outros	60
4.4.2 O cuidado com a família do pastor	61
4.4.3 Proposta de mentoria aos pastores assembleianos	62
4.4.4 A importância de uma rede de apoio aos pastores.....	63
5 CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Schaeffer¹, em uma matéria publicada no Site da Sepal - Servindo Pastores e Líderes, 70% dos pastores lutam constantemente contra a depressão, 71% se dizem esgotados, 80% acreditam que o ministério pastoral afetou negativamente suas famílias e 70% dizem não ter um amigo próximo. Marcos Quaresma², autor da matéria, levanta algumas questões importantes sobre o assunto: "O que está acontecendo com os que estão na função de cuidado, mas não conseguem administrar suas próprias demandas? Por que pessoas que já ajudaram a tantos, desistem da própria vida?" A partir de questionamentos como estes, é preciso reconhecer que o sofrimento psíquico em pastores e pastoras existe e causa danos, muitas vezes, irreparáveis. Mas, urge-se também buscar prevenções e alternativas viáveis no que diz respeito ao enfrentamento desse problema.

O sofrimento psíquico em pastores, pastoras e demais líderes religiosos tem sido objeto de estudos recentes na teologia, psicologia, medicina e outras ciências voltadas para esse campo do conhecimento humano. O vocábulo pastor, do grego "*poimen*", significa aquele que cuida, guia e provê o alimento necessário ao rebanho. Todo esse cuidado e dedicação, por mais que seja fruto de um chamado especial, de uma vocação divina, não deixa de gerar desgaste, sobretudo no que diz respeito a sua saúde psicoemocional.

Mas, o que pode gerar adoecimento aos pastores e as pastoras na lida de seu ministério? Que tipo de sofrimento psíquico e quais as medidas preventivas devem ser tomadas pelos pastores e pelas pastoras no dia a dia para ter saúde emocional e psicológica satisfatória?

É importante ressaltar que há poucos recursos em termos de pesquisas bibliográficas, mas, na internet, encontram-se alguns artigos que apresentam

¹ QUARESMA, Marcos. **Suicídio de pastores e líderes** – uma reflexão necessária. Disponível em: <https://sepal.org.br/suicidio-de-pastores-e-lideres-uma-reflexao-necessaria>. Acesso em: 04 nov. 2021.

² Psicólogo em formação, mestre em aconselhamento familiar, pós-graduado em psicopedagogia, bacharel em teologia e assessor familiar. Ele e sua esposa Rosélia, são missionários da Sepal, trabalham com casais desde 1988, são autores do livro "Uma família saudável, o prazer de prosseguir juntos" e criaram o grupo terapêutico para casais, "Eirene Conjugal".

contribuições relevantes sobre o assunto em pauta. Outro aspecto importante é que as comunidades cristãs têm idealizado, ao longo dos séculos, uma visão distorcida da figura do pastor. Neste sentido, percebe-se uma idealização como se o pastor fosse um semideus, não sujeito ao cansaço, adoecimento e irritações, entre outros males próprios da vida moderna. Todavia, o ministério envolve tensão e ansiedade. As demandas são enormes. Vai desde o poder pastoral a que estão expostos, perpassando pelas questões do tempo familiar e pessoal, as exigências da igreja onde serve como pastor, até a prestação de contas à Convenção a qual é filiado.

Essa pesquisa se ocupará com questões relacionadas ao sofrimento psíquico em pastores das Assembleias de Deus: tipos de sofrimentos psíquicos; dados e estatísticas; rotina ministerial dos pastores; redes de apoio importantes na luta contra o sofrimento psíquico. A pesquisa analisará definições de termos como sofrimento psíquico, culpa, síndrome de *burnout*, depressão e suicídio. Buscará identificar as causas potenciais e prevenções saudáveis que proporcionem qualidade de vida aos pastores afetados.

O público que enfoco nesta pesquisa é o pastor assembleiano, especificamente ligado a CGADB – Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Brasil, uma vez que esta instituição não ordena mulheres ao pastorado.

Por que escrever sobre o sofrimento psíquico em pastores assembleianos? Evidentemente, este tema tem ressonâncias pessoais. Em sendo pastor e exercendo o ministério há quase trinta anos, fui acometido pela Síndrome de *Burnout*, conhecido como a síndrome da exaustão emocional, despersonalização e falta de realização pessoal. Submeti-me ao tratamento medicamentoso e psicoterápico, e depois de dois anos de altos e baixos, consegui superar o esgotamento sofrido. Pelo fato de ser psicólogo desde 2011, não tive nenhum tipo de preconceito em procurar ajuda médica, algo que tem sido um entrave aos colegas pastores por conta de uma série de fatores, que permeia o meio eclesial.

Em que medida o sofrimento psíquico pode afetar os pastores das Assembleias de Deus? Como abordar esse tema? O que é sofrimento psíquico e emocional? Quais os tipos mais comuns? De que forma é exercido o ministério entre os pastores das Assembleias de Deus? Como funciona a rotina e a estrutura da igreja? O que é preciso levar em conta quando se fala em sofrimento psíquico em pastores? Como ajudar os pastores a desfrutar da vida abundante em Cristo Jesus?

Quais seriam as melhores formas de acompanhamento desses pastores? O que a igreja, como corpo de Cristo, tem feito para ser mais compreensiva e entender que seus pastores estão sofrendo de forma velada, sem ser indiferente com essa situação? É possível diagnosticar sofrimentos psíquicos em pastores? Quais são as características de sofrimentos psíquicos em pastores? Como detectar sinais de sofrimentos psíquicos nesses pastores? Todos esses questionamentos anteriores conduzem a pergunta final: Em que medida o sofrimento psíquico pode afetar a vida ministerial, pessoal e familiar dos pastores das Assembleias de Deus?

Na elaboração desta pesquisa, o ponto de partida foi a reflexão sobre o tema, a partir de minha vivência como pastor e psicólogo. Também contribui para a escolha deste tema a minha experiência pessoal de viver o sofrimento psíquico e de ser cuidado. O passo seguinte, fundamental, foi realizar a pesquisa bibliográfica, que permitiu aprofundar e relacionar os aspectos teológicos e psicológicos do sofrimento psíquico vivido pelos pastores no contexto eclesial.

A pesquisa que embasou a construção do trabalho é de natureza teórico-reflexiva, de revisão de textos relacionados com os temas que representam o eixo estruturante da pesquisa, a saber: (I) história da igreja Assembleia de Deus no Brasil; (II) pastores no limite do esgotamento; (III) uma igreja assembleiana que cuida. Para tanto, o método de pesquisa bibliográfica se deu a partir de referencial teórico e documental, através de análises de documentos e atos normativos da Igreja Assembleia de Deus. O estudo está dividido em três capítulos, além da introdução e da conclusão.

No primeiro capítulo, a pesquisa mostra uma síntese histórica das Assembleias de Deus, para que o leitor e a leitora conheçam sua estrutura organizacional, seu sistema de governo e sua representação social e espiritual, pujança e crescimento vertiginoso em solo brasileiro. Esse capítulo contribui relevantemente para a compreensão de quem é o pastor assembleiano, sua rotina e suas atividades ministeriais. Aqui, busco embasamento teórico em obras importantes, como: História das Assembleias de Deus no Brasil, de Emílio Conde; Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011, do renomado autor Gedeon Freire de Alencar.

No capítulo seguinte, o foco é o estudo dos fatores geradores de sofrimento psíquico em pastores assembleianos. Nessa seção a pesquisa vai tratar dos

principais sofrimentos, como: solidão, sentimento de culpa, estresse, depressão, síndrome de *Burnout* e risco de suicídio. Uma boa parte da igreja brasileira não conhece essa triste realidade que permeia o ministério pastoral. Primeiro, porque os pastores e líderes religiosos em geral, não falam sobre o assunto em nossos púlpitos pelo medo da incompreensão. Além disso, existe uma idealização do pastor como uma pessoa muito próxima de Deus e que, jamais, sofrerá qualquer tipo de fraqueza espiritual ou emocional. Mas, as pesquisas estão aí para mostrar que o sofrimento psíquico em pastores é real.

O capítulo final vai tratar do que tem sido feito pela igreja para amenizar essa dor vivida pelos pastores. A igreja tem feito alguma coisa ou tem ignorado e tornado essa dor invisível? O que existe, hoje, no Brasil em termos de grupos de apoio aos pastores e líderes religiosos? Existe algum tipo de mentoria e acompanhamento aos jovens pastores? Essas perguntas são importantes e abrem caminho para os desafios de buscar compreender a dimensão vivida por aqueles que muitas vezes deixam de cuidar de si mesmos para dedicar aos outros.

Ressalta-se que longe de esgotar o assunto, espera-se que o presente estudo, seja uma fonte motivadora para novas pesquisas com o objetivo de buscar uma compreensão maior das vivências pastorais no contexto eclesial e encontrar soluções práticas para diminuir as mazelas psicoemocionais que tanto prejudica o pastor no exercício de suas funções.

2 IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS

Neste capítulo serão apresentados o surgimento e as dimensões da maior denominação pentecostal do Brasil, sua história, sua estrutura organizacional, quem é o pastor³ assembleiano, a rotina, as atividades, para a partir daí compreendermos o sofrimento psíquico de seus pastores em seu contexto organizacional.

2.1 HISTÓRIA

O surgimento da maior denominação pentecostal do Brasil, as Assembleias de Deus, tem relação direta com o pentecostalismo ocorrido nos Estados Unidos da América, no início do século passado: “Os historiadores que se ocupam do Avivamento Pentecostal no século 20 são unânimes em mencionar a Rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia, em 1906, como o centro irradiador de onde o avivamento se espalhou para outras cidades e nações”.⁴

Na gigantesca onda de imigrantes que, em fins do século XIX e início do século XX, a sonhar com melhor futuro, deixaram a Suécia em busca de emprego nos Estados Unidos, estavam dois jovens que jamais se haviam encontrado em sua terra.⁵ “Enquanto o avivamento conquistava terreno e dominava a vida religiosa de Chicago, fatos de alta importância envolveram dois jovens suecos residentes nos Estados Unidos, que em breve teriam suas vidas intimamente ligadas à História das Assembleias de Deus no Brasil”.⁶

Gunnar Vingren (1879 – 1933), que morava na cidade de South Bend, no Estado de Indiana, e já era pastor batista ordenado, sentiu-se atraído pelos acontecimentos do avivamento em Chicago, creu e recebeu o batismo com o Espírito Santo, conforme menciona o eminente historiador Emílio Conde. “Pouco tempo depois, Gunnar Vingren participou de uma convenção de igrejas batistas, em Chicago. Essas igrejas aceitaram o Movimento Pentecostal. Ali ele conheceu outro

³ Falamos aqui de pastor somente no masculino por não haver ordenação de mulheres nesta Igreja, filiada a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

⁴ CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, CPAD, 2018. p. 23.

⁵ OLIVEIRA, Joanyr de. **As Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, CPAD, 1997. p. 25.

⁶ CONDE, 2018, p. 25.

jovem sueco que se chamava Daniel Berg (1884 – 1963). Esse jovem também fora batizado com o Espírito Santo”.⁷

Agora, Daniel e Gunnar tinham alguma coisa mais em comum, além da condição de patrícios, servos do Senhor e imigrantes no mesmo país, como afirma o escritor Joanyr de Oliveira, com um ano de diferença, eram ambos batizados no Espírito Santo, e falavam em línguas estranhas. Eles se encontraram pela primeira vez em 1909, numa conferência em Chicago. “Depois de um longo diálogo, em que cada vez mais se identificavam e se compenetravam da chamada de Deus, passaram a orar diariamente, em busca de completa orientação do Alto”.⁸

Alguns dias se passaram, até quando um crente batizado no Espírito Santo, chamado Adolfo Uldin, narrou-lhes um sonho, em que os dois amigos eram personagens, e em que lhe aparecera, bem legível, um nome muito estranho: Pará. Uldin jamais lera ou ouvira tal palavra. Mas, entendeu tratar-se de um lugar.⁹ Assim, “No dia 5 de novembro de 1910, a bordo do navio Clement, os missionários deixaram a frígida Nova Iorque com destino à cálida Belém do Pará (...). No dia 19 de novembro de 1910, em um dia de sol causticante dos trópicos, os dois missionários desembarcaram em Belém”.¹⁰

Ao chegarem ao Brasil, hospedaram-se num modesto hotel: “Em uma das mesas do hotel, o irmão Vingren encontrou um jornal que tinha o endereço do pastor metodista Justus Nelson. No dia seguinte, foram procurá-lo, e contaram-lhe como Deus os tinha enviado como missionários para aquela cidade”.¹¹ Os missionários foram encaminhados para a Igreja Batista de Belém e foram muito bem recebidos pelo pastor Erik Nelson, que convidou-os a cooperarem no trabalho. E ofereceu-lhes o porão da igreja, onde se alojaram.¹²

A Igreja Batista de Belém era uma denominação conhecida como tradicional, porque não cria no batismo com o Espírito Santo e na manifestação dos dons espirituais para a atualidade. Daniel Berg e Gunnar Vingren, por serem pentecostais, oravam por longas horas de joelhos e fervorosamente. “Coisas surpreendentes começaram a acontecer, é verdade, mas nada indicava que os dois missionários

⁷ CONDE, 2018, p. 26.

⁸ OLIVEIRA, 1997, p. 34.

⁹ OLIVEIRA, 1997, p. 34.

¹⁰ CONDE, 2018, p. 29.

¹¹ CONDE, 2018, p. 33.

¹² OLIVEIRA, 1997, p. 37.

pudessem vir a ser os detonadores de uma revolução espiritual de tamanhas proporções”.¹³

A história narra que o fato desencadeador ocorreu quando numa quinta-feira, à 01 hora da manhã de 2 de junho de 1911, na Rua Siqueira Mendes, 67, na cidade de Belém, Celina Albuquerque, enquanto orava, foi batizada com o Espírito Santo. Após o batismo daquela irmã começaria a luta acirrada contra uma verdade doutrinária tão bem documentada nas Sagradas Escrituras – a atualidade do batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais.¹⁴

O eminente escritor Emílio Conde, descreve que: “O acontecimento recebeu imediata divulgação. Na Igreja Batista, alguns creram, porém, outros não se dispuseram sequer a compreender a doutrina do Espírito Santo. Portanto, dois partidos estavam criados”.¹⁵ “No dia 10 de junho, a igreja estava em efervescência. Ninguém faltou. (...) Nesse dia, Raimundo Nobre apoderou-se do púlpito e atacou os partidários do Movimento Pentecostal. (...) Imediatamente Raimundo Nobre propôs à minoria que excluísse a maioria.”¹⁶

Conforme relatos históricos, seis dias depois de a primeira pessoa receber o batismo no Espírito Santo em solo brasileiro, em 18 de junho de 1911, nascia a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com o seu primeiro culto realizado pelos missionários suecos, na residência do casal Henrique e Celina Albuquerque.

Joanyr de Oliveira, afirma que não era propósito dos missionários fundar uma nova igreja. O desejo deles era que a Igreja Batista de Belém se tornasse uma igreja pentecostal. “A princípio, não havia qualquer divergência em torno de Berg e Vingren. Eles eram reconhecidos por todos como inquestionável resposta às suas súplicas”, relata, “Os suecos eram uma bênção também para as outras três igrejas evangélicas existentes na cidade: todos queriam vê-los e ouvi-los”.¹⁷

Inicialmente a igreja recém-fundada, recebeu o nome de Missão de Fé Apostólica, que já era empregado pelo movimento pentecostal de Los Angeles, mas sem qualquer vínculo administrativo com William Joseph Seymour, líder do movimento nos EUA. Mais tarde, em 18 de janeiro de 1918, por sugestão de Gunnar

¹³ OLIVEIRA, 1997, p. 39.

¹⁴ CONDE, 2018, p. 35.

¹⁵ CONDE, 2018, p. 35.

¹⁶ CONDE, 2018, p. 36.

¹⁷ OLIVEIRA, 1997, p. 39.

Vingren, passou a chamar-se Assembleia de Deus, em virtude da fundação das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, em 1914, em Hot Springs, Arkansas, mas, sem qualquer ligação institucional entre ambas as igrejas.¹⁸

A Assembleia de Deus (AD), como vimos até aqui, recebeu forte influência do pentecostalismo norte americano, contudo, ela é uma igreja brasileiríssima, como muito bem afirma o autor Gedeon Freire de Alencar, em seu livro, *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011*. “Ela pode não ser a cara do Brasil, mas é um retrato fiel. É um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira”.¹⁹ Na ótica sociológica feita pelo mesmo autor, as ADs são um extrato do Brasil, cuja identidade encontra-se entranhada:

Presente nas extremas brenhas do interior marginal – do mais pobre e esquecido sertão – e nas favelas, ao lado de espaços ricos e urbanos, mas igualmente não alcançado pelo Poder Público; entranhadas e assimiladas nas comunidades pobres e também já dando o ar de sua graça nas classes mais favorecidas; aparecendo nos mais altos cargos políticos e também ascendendo economicamente, portanto, impossível de não serem notadas nas paisagens urbanas e rurais, pois presente de norte a sul, lá estão as ADs. Nelas se reconhece o Brasil, e este também, não se pode negar, é muito presente nas mesmas.²⁰

Como o objetivo maior dessa pesquisa é investigar o sofrimento psíquico dos pastores assembleianos em seu contexto organizacional, não detalharemos todos os aspectos históricos das Assembleias de Deus no Brasil, mas uma síntese bem elaborada para que o leitor e a leitora possam conhecer os primórdios dessa igreja, que iniciou apenas com 17 pessoas e tornou-se a maior denominação evangélica brasileira.

2.2 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

As Assembleias de Deus no Brasil apresentam uma estrutura sólida e, ao pesquisar sobre suas formas de governo, campos, Ministérios e Convenções, sua hierarquia eclesiástica, sua educação teológica e produção literária através da CPAD, bem como seu pujante crescimento, observa-se nitidamente que a denominação fincou suas bases em alicerces firmes e duradouros.

¹⁸ **Assembleias de Deus no Brasil.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Assembleias_de_Deus_no_Brasil. Acesso em: 12 mar. 2021.

¹⁹ ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011**. São Paulo: Recriar; Vitória: Editora Recriar, 2019. p. 23.

²⁰ OLIVEIRA, 1997, p. 54.

2.2.1 Formas de governo

A estrutura organizacional das Assembleias de Deus no Brasil é simples e ao mesmo tempo complexa. É necessário um estudo aprofundado para sua compreensão. A historiografia dessa denominação nos ajudará a conhecer esse terreno, muitas vezes desconhecido, mas valioso e empolgante para os seus fiéis e população em geral. Escritores, como, Emílio Conde, Joanyr de Oliveira, Isael Araujo, Abraão de Almeida, Silas Daniel, Gedeon Freire Alencar, e tantos outros, a exemplo de Ivar Vingren e David Berg, que escreveram as biografias de seus pais, fundadores dessa igreja, vão contribuir consideravelmente para essa compreensão.²¹

Gedeon Freire de Alencar, doutor em ciências da religião pela PUC-SP, membro da Rede Latino-americana de Estudos do Pentecostalismo (RELEP), do Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP-PUC-SP) e da História da Igreja na América Latina e Caribe (CEHILA), apresenta um preciso trabalho investigativo e abrangente, que por certo, nos ajudará a conhecer melhor esse fenômeno:

Como o Brasil que não é apenas um, mas vários brasis, assim também as Assembleias de Deus – ADs. O Brasil, como unidade federativa, é um só, mas na realidade são vários brasis. As ADs, da mesma forma, são uma só, e, simultaneamente, várias. Muitas. São muitas as *assembleias*. O nome assumido, Assembleias de Deus, desde seu nascimento nos Estados Unidos em 1914, e no Brasil, em 1918, foi sintomaticamente no plural; independente de ser episcopal no Brasil, ou congregacional nos Estados Unidos e demais países latinos, foi sempre *assembleias* no plural. E isso, teoricamente, lhes definiria a natureza: diversas, distintas, plurais, contraditórias e concorrentes. Como o país (“o melhor país do mundo”), ela também sofre da mesma síndrome: é o centro do mundo. Visada e amada. É a maior igreja pentecostal do país e a maior Assembleia do mundo.²²

Para Gedeon Alencar, a construção da identidade pentecostal assembleiana, está fundamentada, inicialmente, em seis elementos: Mídia, Ministérios, Convenções, Educação Teológica, Relações de Gênero e Templos.²³ Não obstante, o autor tecer críticas abertas à denominação em foco, e demonstrar um certo ressentimento em suas afirmações, o mesmo por ter uma visão distanciada da igreja, apresenta uma contribuição relevante em inúmeros pontos, que passam despercebidos até mesmo de seus membros e pastores. Gedeon, cria uma

²¹ ALENCAR, 2019, p. 35.

²² ALENCAR, 2019, p. 23.

²³ ALENCAR, 2019, p. 41.

periodização inovadora para esses mais de cem anos de história das Assembleias de Deus brasileiras:

O primeiro período que vai da origem em 1911, em Belém do Pará, até a aquisição de uma personalidade jurídica, na Convenção de Recife em 1946, é o tempo em que as Assembleias de Deus se configuravam mais como um movimento pentecostal do que como uma igreja instituída e organizada. A partir de 1946, o processo de institucionalização se acentua com a ênfase na tradição, na identidade religiosa, na formalização das convenções e na autoridade das lideranças. Esse período de institucionalização pode ser traçado até o final da década de 1980 (...). Da última década do século vinte até o centenário em 2011, surge um terceiro momento nas Assembleias de Deus. É o período de maior expansão da igreja.²⁴

As Assembleias de Deus no Brasil receberam influência, inicialmente da Suécia, e posteriormente, dos Estados Unidos da América. Esse fato é inegável. Gedeon Alencar, afirma que os suecos que fundaram e estruturaram as ADs eram, em sua maioria, pessoas de zonas rurais, pobres, com pouca escolaridade, de tradição congregacional, membros de “igrejas livres”, portanto de cosmovisão parecida ao que encontram no Brasil.²⁵ Freston, ratifica essa realidade sueca, “A Suécia da época não era a próspera sociedade de bem-estar em que se transformou posteriormente. Era um país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte de sua população”.²⁶

Ainda, sobre o estudo da estrutura organizacional das Assembleias de Deus no Brasil, Gedeon Alencar afirma que “as ADs nascem congregacionais, tanto em suas origens suecas como americanas, e se mantêm assim, até a década de 1930. Moderna em sua comunicação e liturgia, avançada na participação das mulheres e inclusiva com pobres e negros”.²⁷ E que houve uma mudança do modelo congregacional para o episcopal, sob forte influência, segundo ele, da forma de governo implantado por Getúlio Vargas: “Há um substrato de “getulismo” no modelo assembleiano a partir de então, principalmente na passagem do modelo congregacional original para o episcopal à brasileira”.²⁸ Porém, não há comprovação dessa influência “getulista”, na forma de governo assembleiano, quando lemos sua historiografia oficial.

²⁴ ALENCAR, 2019, p. 18.

²⁵ ALENCAR, 2019, p. 102.

²⁶ FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas: 1993.

²⁷ ALENCAR, 2019, p. 106.

²⁸ ALENCAR, 2019, p. 105.

A forma de governo das Assembleias de Deus no Brasil é um misto de congregacional e episcopal. Cada igreja sede é uma instituição jurídica, com estatuto próprio, CNPJ, diretoria, conselho ministerial, corpo diaconal e departamentos. Por sua vez, essas igrejas sedes com suas congregações formam um campo eclesial. Todos esses campos através de seus pastores presidentes são filiados a uma Convenção Estadual. Esta por sua vez, a uma Convenção Geral.²⁹

2.2.2 Campos, Ministérios e Convenções

A partir das suas formas de governo, em alguns estados também foram criados Ministérios. Estes Ministérios não chegam a ser uma Convenção, mas possuem alguns campos filiados. Há estados da federação que tem apenas uma Convenção; mas a maioria deles têm duas, três, quatro Convenções, todas elas ligadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. De 1930 para cá, as Assembleias de Deus no Brasil, já criaram mais duas Convenções em âmbito nacional, são elas: CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira e CADB – Convenção da Assembleia de Deus no Brasil, todas dissidentes da CGADB. Dentro desse contexto de diversidade organizacional, o pastor assembleiano exerce o seu chamado e vocação, com todas as suas limitações humanas, procurando dar o seu melhor para o bem de sua comunidade eclesial.³⁰

2.2.3 Hierarquia ministerial

Dentro da estrutura e forma de governo das Assembleias de Deus, segue-se uma hierarquia ministerial que se inicia com o cargo de auxiliar ou cooperador, seguido pelos outros cargos de diácono, presbítero, evangelista chegando a ser pastor. Hoje, para ser ordenado a pastor, o candidato precisa ter passado por todas essas etapas, além de preencher uma pasta que vai de documentos pessoais, currículo ministerial, indicação do pastor presidente do campo, curso teológico,

²⁹ Como pastor assembleiano, ordenado em 1994, com quase 30 anos de vivência denominacional, todos esses dados sobre a estrutura organizacional das Assembleias de Deus no Brasil, conheço-os bem de perto, daí, não mencionar referências bibliográficas como fonte.

³⁰ ALENCAR, 2019, p. 142.

ensino médio completo, cursos preparatórios, avaliação psicológica, até a comprovação de uma vocação ministerial assistida.³¹

Para melhor compreensão do trabalho pastoral, é necessário destacar aqui que há uma diferenciação das atividades laborais entre os pastores presidentes de campos e os pastores auxiliares. Existem campos, por exemplo, que possuem mais de cem congregações. O peso e a responsabilidade maior recaem sobre aquele que preside. Os presidentes de Campos, Ministérios e Convenções recebem, sem sombra de dúvidas, uma sobrecarga maior em função de suas maiores responsabilidades. O pastor auxiliar recebe uma carga menor dentro de toda essa estrutura funcional, o que não o exime de um trabalho de excelência junto aos seus pastores presidentes.

2.2.4 Educação teológica

Gedeon Alencar, explica que as Assembleias de Deus no Brasil, em suas primeiras décadas, chegaram a anatemizar de forma veemente os seminários teológicos, porque sua liderança achava que o mais importante era a presença do Espírito Santo. Os seminários nessa época eram chamados de “fábrica de pastores. (...), mas em 1971, a CGADB criou o *Conselho de Educação e Cultura*, órgão auxiliar da Convenção, cujo intuito é organizar, fiscalizar e reconhecer escolas teológicas”.³²

Para entender todo esse processo de demora em oficializar a educação teológica dentro das Assembleias de Deus no Brasil, necessário se faz estudar a influência recebida da igreja sueca ao longo das primeiras décadas de sua existência, a qual pertencia seus fundadores, que eram contra qualquer tipo de institucionalização, iniciando pela formação teológica. Outro fator importante, segundo Gedeon Alencar, foi a ênfase na escatologia: “A Igreja, portanto, proibia a leitura de jornais e revistas e condenava a instrução como sendo “coisas mundanas” e desnecessárias, porque o “Senhor vem em breve”.³³

³¹ Em relação a essa estrutura organizacional e hierarquia ministerial, é interessante mencionar que a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, ainda não ordena pastoras. Já as Convenções dissidentes: CONAMAD e CADB realizam ordenações femininas.

³² ALENCAR, 2019, p. 111.

³³ ALENCAR, 2019, p. 115.

Levi Pethrus, em seu prefácio a biografia de Gunnar Vingren, reverbera o pensamento sueco, contra a institucionalização da igreja:

Quando vemos esta obra, suas dimensões, sua tremenda força expansiva e a liberdade que caracteriza todo o movimento, sentimos que é um grande milagre a unidade que até agora predomina no Brasil. Muitos esforços têm sido feitos para dividir esse movimento; outros têm procurado organizá-lo como uma denominação, mas até agora sem êxito, graças a Deus.³⁴

Por outro lado, as Assembleias de Deus no Brasil, preocupada com o seu crescimento vertiginoso, e com a sua manutenção doutrinária, criou desde seus primórdios, literaturas, como: jornais, hinários e revistas. Afirma Gedeon Alencar: “Fundamentais são os jornais. O primeiro, *Voz da Verdade* – VV (1917), e *Som Alegre* – SA (11/1929 a 10/1930), em Belém; e o *Boa Semente* – BS (01/1919 a 11/1930), no Rio de Janeiro; a partir de 1930 até os dias de hoje, o *Mensageiro da Paz* – MP (...).³⁵ Hoje, a realidade é outra. Com a criação da CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, em 1937, houve um avanço considerável na tiragem do *Mensageiro da Paz*. Em setembro de 1956, a CPAD lançou a revista ‘A Seara’ e em 1977, foi lançado o primeiro número da revista ‘O Obreiro’, periódico especializado na preparação de obreiros e oficiais da igreja. Assim, a Casa Publicadora tem dado contribuição relevante ao ensino teológico, com a impressão das Lições Bíblicas para todas as faixas etárias.³⁶

Alencar, na introdução de seu livro, *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011*, apresenta dados interessantes sobre o avanço da CPAD:

Sua editora, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, nascida em 1948, é a maior *editora evangélica* brasileira, com faturamento de cento e vinte milhões de reais (2009). São mais de 600 títulos publicados, com milhões de exemplares em livros, revistas, CDs etc. por ano. Só a tiragem das revistas da Escola Bíblica Dominical – EBD alcança dois milhões e meio de exemplares por trimestre.³⁷

O mesmo autor apresenta um olhar positivo sobre a denominação em termos de sua atuação social ao observar que o analfabetismo nas zonas rurais, ainda hoje, é muito mais acentuado do que nas urbanas. “Qual estímulo um

³⁴ VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro**. CPAD, Rio de Janeiro: 2018. (Prefácio do missionário Lewi Pethrus). p. 16.

³⁵ ALENCAR, 2019, p. 41.

³⁶ OLIVEIRA, 1997, p. 143 - 169.

³⁷ ALENCAR, 2019, p. 23.

trabalhador rural, boiadeiro, cortador de cana ou similar, em décadas passadas, teve ou teria para estudar?” Em seu entendimento, chegava a ser surreal, pois não havia escolas e bastava assinar o nome. “Ler? Quem precisava disso no campo? Qual fazenda exigia isso de seus meeiros? Nas primeiras décadas do século passado, nesses locais e nessas circunstâncias, não havia nada que pedisse ou incentivasse a alfabetização”. Para Alencar, as Assembleias de Deus sempre incentivaram os seus membros a serem alfabetizados. “Ser membro das ADs, por mais pobre, rural ou subempregado que seja, significa possuir, andar com, e manusear uma Bíblia. E ler”. Conclui Alencar: “Em determinadas localidades, o único pobre que tem um livro em casa é o membro da AD. Ademais, desde 1923, assembleianos também precisam ler e estudar a revista da EBD”.³⁸

2.3 O PASTOR ASSEMBLEIANO

As Assembleias de Deus no Brasil, nesses cento e dez anos de existência teve um crescimento vertiginoso, alcançando todos os estados brasileiros, cidades, vilas, povoados, fazendas, bairros. Ela está presente em todos os lugares desta nação. Segundo o censo de 2010,

São 12.314.410 assembleianos esparramados pelo Brasil. Estão presentes na elite, como ministro de Estado e professores universitários, mas se compõem de pobres em sua maioria. Visíveis em todos os principais centros urbanos e em quase todos os municípios brasileiros, possuem igrejas no Oiapoque e no Chuí³⁹ – para não desmentir o chavão brasileiro dos municípios extremos. Representam, segundo o Censo de 2010, 35,6% dos 34 milhões de pentecostais, 29,1% dos 42 milhões de evangélicos brasileiros e 6,4% dos 190 milhões de brasileiros. Se fossem um estado da federação, seriam o quinto maior em população, perdendo apenas para São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. São há algumas décadas a maior igreja evangélica, vivenciando, talvez, a mesma síndrome brasileira: um gigante *adormecido!*⁴⁰

E, quem é o pastor assembleiano dentro dessa gigantesca estrutura denominacional? Para responder a essa importante pergunta, faz-se necessário recorrer à historiografia e ao livro magno utilizado pelo cristianismo, a Bíblia Sagrada. Há um conceito bíblico formado que é Deus quem dá o pastor à igreja: “Em seguida, vos darei governantes de acordo com o meu coração, que vos dirigirão

³⁸ ALENCAR, 2019, p. 26.

³⁹ O ponto extremo, como se descobriu recentemente, é o Monte Caburuí, mas os dois municípios continuam sendo os dois mais extremados.

⁴⁰ ALENCAR, 2019, p. 24.

com sabedoria e com entendimento, como bons pastores”.⁴¹ O apóstolo Paulo, ratifica essa ideia ao escrever sua carta aos Efésios: “Assim, Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com o propósito de aperfeiçoar os santos para a obra do ministério, para que o Corpo de Cristo seja edificado”.⁴²

Lothar Carlos Hoch, afirma que o termo poimênica vem do grego “*poimén*” e significa “pastor de ovelhas”. Ele fala, ainda, que “o significado teológico do termo se inspira na atividade do pastor que cuida das suas ovelhas. Ele as protege, cura seus ferimentos, defende-as dos inimigos e busca-as de volta para seu rebanho quando se dispersam”.⁴³ Para Elinaldo Renovato de Lima,

Ser pastor sempre foi uma tarefa árdua. Muitas são as demandas internas e externas da igreja local, entre elas o cuidado para com as pessoas do rebanho, visita a enfermos, questões relacionadas a administração eclesiástica e o constante desafio de se dedicar à oração, à pregação e ao ensino da Palavra de Deus.⁴⁴

Um dos textos mais profundos do Antigo Testamento foi escrito pelo salmista Davi, o segundo rei de Israel, onde o escritor apresenta a metáfora do pastor em Deus e sua relação com o seu povo: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará”. (Salmos 23).⁴⁵ O Novo Testamento implementa essa ideia em vários textos, onde o próprio Jesus é o pastor das ovelhas: “Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e sou conhecido por elas.” (João 10.11,14).⁴⁶ Roberto José dos Santos, explica esse texto da seguinte forma:

As ovelhas conhecem o pastor porque sabem que seu desejo é vê-las satisfeitas, alimentadas, saudáveis e seguras. Elas o conhecem porque Ele proporciona o melhor pasto e a água mais fresca. Busca abrigo nas tempestades e as livra de todos os predadores. Limpa sua lã de todas as impurezas e lhes oferece os braços como amparo.⁴⁷

⁴¹ **BÍBLIA Sagrada King James Atualizada.** Casa Publicadora Paulista. Várzea Paulista – SP – Brasil, 2020. (Jeremias 3.15).

⁴² **BÍBLIA Sagrada King James Atualizada.** Casa Publicadora Paulista. Várzea Paulista – SP – Brasil, 2020. (Efésios 4.11,12).

⁴³ HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento e cuidado pastoral.** Joinville: Editora Grafar, 2019. p. 15.

⁴⁴ LIMA, Elinaldo Renovato. **Lições Bíblicas.** Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário. Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre de 2021. p. 63.

⁴⁵ **BÍBLIA Sagrada.** Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

⁴⁶ **BÍBLIA Sagrada King James Atualizada.** Casa Publicadora Paulista. Várzea Paulista – SP – Brasil, 2020.

⁴⁷ SANTOS, Roberto José. **Competências para o Ministério Pastoral: um olhar contextualizado e bíblico da legítima chamada ministerial.** CPAD: Rio de Janeiro, 2019. p. 56.

A Bíblia traz o exemplo de Cristo, como o Sumo Pastor das ovelhas, e Pastor dos pastores. Sendo assim, o pastor para ser bem-sucedido em seu ministério, deve seguir o exemplo de Cristo em tudo. O pastor assembleiano está muito centrado nesse modelo bíblico. O pastor José Wellington Bezerra da Costa, em sua biografia escrita por Isael de Araújo, esclarece muito sobre o ministério pastoral. Para ele, “o pastor deve ser um homem de vida ilibada e santa para servir a Deus”. Acrescenta, ainda, “Que ser pastor é aceitar a condição de servo para servir a Deus e a sua igreja. (...) É preciso pedir bastante sabedoria a Deus para ser pastor na atualidade”.⁴⁸

Com essa dimensão denominacional e sua importância para a sociedade brasileira, entende-se que o pastor assembleiano exerce uma representação social muito importante no imaginário de seus fiéis e da população em geral. E, ao estudar sobre a cultura organizacional assembleiana, entende-se que apesar das diferenças regionais, há uma unidade e coerência em todo o Brasil, sobre a pessoa do pastor assembleiano, no que diz respeito às suas vivências, sofrimentos, demandas, atividades e lutas interiores e emocionais.

2.4 ROTINA E ATIVIDADES PASTORAIS

De acordo com o pastor Marcos Kopeska, o trabalho pastoral entre os anos de 1970 e início dos anos 1980, era uma atividade menos complexa: “Naquela época, a vida em comunidade não era muito complexa e os trabalhos do pastoreio eram simples, pontuais e eficazes. Nada era prolixo na relação entre pastor e igreja”.⁴⁹ De lá para cá, segundo o mesmo autor, “os conceitos que norteiam o ministério pastoral mudaram numa velocidade estonteante e, em três décadas, deixaram uma distância abismal entre o “pastor de almas” e o “pastor empreendedor”, conceito este muito comum no século XXI”.⁵⁰ O pastor assembleiano tem vivido essa mudança de paradigma.

No contexto das Assembleias de Deus, o pastor presidente exerce inúmeras atividades em seu dia a dia. Em sua monografia “A Vivência Psicológica do Trabalho

⁴⁸ ARAÚJO, Isael de. **José Wellington Biografia**. CPAD: Rio de Janeiro, 2012. p. 185.

⁴⁹ KOPESKA, Marcos. **O pastor na modernidade líquida: como sobreviver a esta era e ter um ministério duradouro**. Curitiba (PR): Editora Schütz, 2018. p. 17.

⁵⁰ KOPESKA, 2018, p. 18.

Pastoral: das tarefas às relações interpessoais”, as autoras Clarice Ebert e Lis Andrea Pereira Soboll, descrevem muito bem, as principais funções pastorais:

As funções desempenhadas são múltiplas e compreendem: administrar a igreja; liderar departamentos; liderar reuniões; realizar cultos; atender, aconselhar, orientar e acompanhar pessoas; treinar e formar outros líderes; visitar; pregar; ensinar; ministrar cursos; ministrar em eventos; realizar eventos; participar em projetos sociais; preparar mensagens e estudos bíblicos; realizar funerais, casamentos e batismos; elaborar relatórios.⁵¹

Explicam as autoras que a necessidade de responder as mais variadas atividades impõe aos pastores uma flexibilidade na organização do tempo. “O trabalho pastoral é organizado em uma rotina semanal, incluindo período matutino, vespertino e noturno”. As atividades são diferenciadas: “Há uma carga horária que, apesar de não ser fixa e pré-estabelecida, está em torno de dez horas diárias durante a semana, sendo maior no domingo”. “As funções diferem nos dias da semana, sendo que cada dia da semana tem atividades diferenciadas”. As inúmeras demandas são imprevisíveis: “As funções matutinas e vespertinas têm horário de início e término, no entanto, os horários são flexíveis podendo ser alterados de acordo com alguma demanda imprevisível que se apresente como urgente”. E que durante a noite, na sua maioria, realizam atividades: “Os compromissos no período da noite geralmente são compostos por reuniões ou cultos”.⁵²

Na realidade, o pastor vocacionado por Deus para o exercício de sua missão, é uma pessoa que labuta arduamente em seu ministério, e chega, se não tiver cuidado com sua saúde, sofrer desgastes consideráveis, pois a sensação é que não conseguiu realizar todas as tarefas diárias devido a alta demanda de suas atividades laborais. André Luiz vai acrescentar:

Não é fácil falar desse assunto porque normalmente as pessoas apegam-se aos exemplos ruins, mas com toda certeza um pastor pode ser muito útil à sociedade. Pode ajudar seu rebanho fazer o que é certo, pode auxiliar casais que estejam com dificuldades no casamento, pode socorrer pessoas que estejam desesperadas, pode através das mais variadas formas ensinar e compartilhar a Palavra de Deus, visitar hospitais, orfanatos, casas de recuperação de viciados em crack, realizar casamentos, apresentação de crianças, funerais, saber o que é possível fazer pela sua cidade e bairro, criar projetos de ação social, equipar a igreja com grupos específicos para

⁵¹ EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. **O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho**. Aletheia 30, p. 197-212, jul./dez. 2009. p. 202. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n30/n30a16.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

⁵² EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. **O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho**. Aletheia 30, p. 197-212, jul./dez. 2009. p. 202. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n30/n30a16.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

cuidar das pessoas tendo em vista suas faixas etárias, pode motivar as pessoas a zelarem por suas famílias, pode atualizar os mais simples sobre as notícias importantes, cooperar para que seus membros votem de maneira consciente, pode (deve) mergulhar na Bíblia e ao pregar facilitar a aprendizagem das Escrituras Sagradas, pode lutar contra o preconceito seja ele qual for, pode ajudar a descobrir e desenvolver o talento das pessoas, pode ouvir as pessoas em confissão, pode ajudar a reconciliar famílias, incentivar os jovens a respeitarem os mais velhos, obedecerem a seus pais e a estudarem, pode ajudar pessoas com depressão, estresse, ansiedade, pode orar pelos enfermos, visitar pessoas que não tem saúde suficiente para saírem de suas casas, aconselhar pessoas, e muito mais coisas que uma pessoa que trabalhe secularmente não tem tempo para realizar.⁵³

Percebe-se nitidamente, que as demandas atendidas pelo pastor no exercício de sua missão, são intermináveis. Daí, a importância do cuidado com a sua saúde em todos os aspectos e dimensões, algo que tem sido procrastinado por inúmeros pastores ao longo de sua trajetória ministerial, devido a sua falta de tempo.

2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PROPOSTA DE CUIDADO PASTORAL

O objetivo deste capítulo foi demonstrar a importância e as dimensões da maior igreja evangélica do país. A pesquisa bibliográfica aponta para muitas nuances a serem exploradas, pois, como foi abordado, são muitos os aspectos históricos, formas de governo, hierarquia eclesiástica, quem é o pastor assembleiano e as suas frequentes atividades e rotinas. Roseli afirma, que:

A função pastoral sofre os efeitos do mundo moderno, onde o **estético** parece sobrepujar o **ético**, ou seja, a busca pelo cuidado torna-se um nicho no mercado capitalista, onde o **ter** vale mais do que o **ser** e onde são comercializadas soluções, por vezes mágicas, para a falta de cuidado reinante.⁵⁴

Conforme já foi posto neste capítulo, o pastor assume, então, um papel relevante ao mesmo tempo em que desempenha atividades exaustivas, cobranças e pressões atinentes ao ministério e vocação. Ao término deste capítulo, entende-se que é pertinente debruçar sobre as dimensões do sofrimento psíquico de pastores, como solidão, culpa, estresse, depressão, síndrome de *Burnout*, chegando ao suicídio. Neste sentido, no próximo capítulo, busca-se compreender como se dá esse tipo de sofrimento e quais as suas implicações emocionais, para a saúde do pastor ou da pastora.

⁵³ GOSPELMAIS. **O que faz um pastor**. Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com.br/o-que-faz-um-pastor.html>. Acesso em: 03 jun. 2021.

⁵⁴ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich. **Cuidando de quem cuida**: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus. Joinvile (SC): Grafar, 2012. p. 58.

3 PASTORES NO LIMITE DO ESGOTAMENTO

Ao iniciar este capítulo, após um olhar sobre a história das Assembleias de Deus no Brasil, é necessário voltar o foco ao pastor e aos fatores geradores de sofrimento psíquico em sua vida. Para a psicóloga clínica, Roseli M. Kühnrich de Oliveira, “O pastor não é uma entidade: cada pastor ou pastora tem suas necessidades e características específicas, embora algumas sejam comuns ou pertinentes a todos”.⁵⁵ A autora em sua experiência clínica, complementa “O pastor, enquanto pessoa, está sujeito a todas as questões humanas, tendo, por conseguinte, necessidades físicas, emocionais e espirituais, entre outras”.⁵⁶ O que acontece com o pastor, na maioria das vezes, é que ele é um excelente cuidador, mas nem sempre atenta para suas necessidades emocionais, o que leva ao seu adoecimento psíquico.

Este capítulo aborda os fatores geradores de sofrimento psíquico em pastores, como: solidão, culpa, ansiedade, estresse, depressão, síndrome de *Burnout*, chegando ao risco de suicídio. A bibliografia existente nessa área apresenta dados robustos, fundamentados na clínica médica, na psicologia e na teologia prática, que se bem estudados e interpretados, ajudarão a compreender todos esses dilemas vivenciados no ministério pastoral. O objetivo é, de um lado, demonstrar que o pastor é também só um ser humano, e como tal, está suscetível como qualquer pessoa, a sofrer os desgastes de sua vocação e, de outro lado, investigar quais os fatores desencadeadores de todo esse sofrimento psíquico, que tantos males têm causado à sua saúde bio, psico, social, espiritual e ministerial.

3.1 FATORES DE SOFRIMENTO PSÍQUICO

Ao estudar o sofrimento psíquico dos pastores assembleianos, partindo das hipóteses descritas em nosso projeto inicial, verificou-se que são inúmeros os fatores geradores de sofrimento psíquico, mas para fins dessa pesquisa, serão apresentados, apenas os que se seguem:

⁵⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 61.

⁵⁶ OLIVEIRA, 2012, p. 62.

3.1.1 Solidão

A solidão é um problema comum que tem sido descrito como uma das fontes mais universais do sofrimento humano.⁵⁷ Collins ratifica essa ideia ao afirmar que é “uma condição quase permanente para milhares de pessoas, desconhecendo limites de classe, raça ou idade. A solidão atinge a todos periodicamente e pode persistir por alguns momentos ou durante a vida inteira”.⁵⁸ De acordo com os apontamentos do psicólogo cristão Craig Ellison existem três tipos de solidão: emocional, social e existencial. Para ele, a solidão emocional envolve a perda de uma relação profunda com outra pessoa. A solidão social está ligada a um sentimento de vazio, ansiedade e falta de propósito, mesmo tendo inúmeras pessoas em sua volta. Já a solidão existencial vincula ao isolamento de uma espiritualidade saudável, porque a pessoa sente-se afastada de Deus.⁵⁹

O pastor apesar de estar rodeado por uma multidão de pessoas, em boa parte de sua vida, se sente só. Essa solidão não é pelo fato de não ter alguém para conversar e, sim, porque é visto pelos fiéis como uma pessoa perfeita. Daí, nem sempre vai poder abrir o seu coração para falar de suas necessidades físicas, emocionais e espirituais. Por outro lado, não pode se abrir também com um colega de ministério porque a concorrência, às vezes é desleal. Diante disso, o pastor se sente vulnerável e solitário. “Com alta frequência, líderes pastorais escondem profunda solidão. Como constatamos da pesquisa do FASICLD, 81% dos pastores não estavam em nenhum programa ou alguma atividade em que pudessem “recarregar as baterias” regularmente”.⁶⁰

Friesen e Aguiar atribuem parte desta solidão à falta de mentoria: “(...) apenas um entre cada cinco pastores está num vínculo de compromisso com algum mentor com o qual abre regularmente o seu coração, compartilhando a sua vida, prestando contas periodicamente”.⁶¹ Para eles, os pastores têm necessidade de amigos em que possam confiar, abrir o coração e confidenciar seus problemas pessoais sem a preocupação de serem julgados ou punidos pelas suas vulnerabilidades. Concluem, com uma afirmativa singular no sentido de

⁵⁷ NOUWEN, Henri J. M. **Reaching Out**. Garden City, NY: Doubleday, 1975. p. 15.

⁵⁸ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 63.

⁵⁹ ELLISON, C.W. **Solidão, uma doença psicológica**. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 63.

⁶⁰ FRIESEN, Albert; AGUIAR, Odinal Ferreira. **Canções quebrados: relação de ajuda e restauração de vida de ministros religiosos**. Curitiba: Olsen, 2016. p. 95.

⁶¹ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 95.

apresentarem um antídoto aos pastores vítimas da solidão: “eles sabem que Deus os aceita do jeito que são, e que se importa com eles, mas também sabem que precisam da companhia de outras pessoas com quem possam relaxar e serem elas mesmas”.⁶²

A Bíblia declara que o primeiro problema da humanidade foi a solidão. Disse Deus: “Não é bom que o homem esteja sozinho” (Gênesis 2.18). Ainda sobre o assunto em pauta, Friesen e Aguiar, afirmam:

A solidão pode ser a causa básica de depressão. Essa dor pode ser tão intensa que, recentemente, dois pastores me disseram: “Vou pedir demissão do meu pastorado e vou viver longe de pastores e de igrejas, vou fugir dessa área”. No entanto, eles sabem que isso não resolve a essência do problema. A solidão tem a sua origem na resistência de procurar relacionamentos significativos, de desenvolvê-los com profundidade, de nutrir tais relações com regularidade e interioridade com a ousadia da transparência e do compromisso, seja em tempos bons, sejam em tempos ruins.⁶³

Para aprimorar essa discussão, Murphy e Kupshik, vão afirmar: “A solidão é a dolorosa constatação de que não temos contatos íntimos e significativos com outras pessoas. Ela envolve uma sensação de vazio interior, isolamento e anseio profundo”.⁶⁴ O que faz da solidão um fator de sofrimento psíquico aos pastores e pastoras em geral: “(...) Frequentemente, experimentam sentimentos de tristeza, desânimo, inquietação e ansiedade, acompanhados de um desejo ardente de serem queridos por uma pessoa pelo menos”.⁶⁵ Na concepção de Friesen e Aguiar, essa situação torna, ainda, mais grave: “Desta forma, líderes pastorais decidem precipitadamente abandonar o ministério dado por Deus”.⁶⁶

A Bíblia fala pouco sobre solidão, mas esse sentimento aparece repetidamente nas vidas de homens como Moisés, Jó, Neemias, Elias e Jeremias. O salmista Davi, certa vez expressou que se “sentia só e aflito” (Salmos 25.16). Jesus sentiu-se sozinho no Getsêmani (Mateus 26.40). O apóstolo João vivenciou esse sentimento na ilha de Patmos (Apocalipse 1.9). O apóstolo Paulo, pediu a Timóteo: “Procura vir ter comigo depressa” (2 Timóteo 4.9). Isso demonstra o quanto ele se sentia só em seus momentos na prisão romana. Os pastores em algum momento,

⁶² FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 96.

⁶³ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 96.

⁶⁴ MURPHY, P. M.; KUPSHIK, G. A. **Loneliness, stress and well-being**. New York & London: Tavistock/Routledge, 1992. p. 127.

⁶⁵ MURPHY; KUPSHIK, 1992, p. 127.

⁶⁶ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 98.

também, passam pela mesma situação. “Algumas vezes, sentem uma certa desesperança no ministério e fogem daqueles que poderiam lhes proporcionar um relacionamento de ajuda capaz de motivá-los à eficiência e eficácia pastoral”.⁶⁷

3.1.2 Sentimento de culpa

Outro fator gerador de sofrimento psíquico para o pastor assembleiano é o sentimento de culpa. Como as demandas ministeriais são de ordem intermináveis, o pastor sente-se culpado por não dar conta de resolver tudo como gostaria, isso começa a corroer sua estrutura psicoemocional. Friesen e Aguiar, pontuam que, “A culpa está ligada a ansiedade, a solidão, a depressão e a ira. Pode ser verificada também em situações de medo, em meio ao *stress* ou em situações em que se está inseguro quanto à autoimagem (identidade)”.⁶⁸ Vão dizer, ainda que: “Quando o ser humano sofre, ele tenta identificar as razões. E frequentemente as identifica em suas próprias decisões e ações, portanto, culpa-se pelas consequências”.⁶⁹ Essa autocobrança, muitas vezes desnecessária, prejudica a saúde emocional do pastor, levando-o a desenvolver uma espiritualidade contrária aos princípios bíblicos.

Quem faz uma reflexão relevante sobre a culpa, é Gary Collins, autor do livro *Aconselhamento Cristão*, já citado nesta pesquisa. Na ótica de Collins, a culpa é um ponto onde a religião e a psicologia, frequentemente, se encontram. Segundo o autor, o sentimento de culpa é muito comum em nossa sociedade e que foram identificados vários tipos, que podem ser encontradas em duas categorias: “culpa objetiva e culpa subjetiva”. Dentro da categoria da culpa objetiva, tipo que existe em separado de nossos sentimentos, há quatro subtipos: a culpa legal, quando uma lei social é violada; a culpa social que surge quando quebramos uma norma não-escrita, mas socialmente esperada; a culpa pessoal, nesse caso a pessoa viola os seus padrões pessoais ou acaba resistindo aos apelos da sua consciência; e, por último, a culpa teológica, que envolve a violação das leis de Deus. Já a culpa subjetiva, traduz-se em pesar, remorso, vergonha e autocondenação que aparece quando deixamos de fazer algo que deveria ter sido feito.⁷⁰ Narramore, complementa a ideia analisada anteriormente, ao afirmar que: “Esses sentimentos

⁶⁷ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 99.

⁶⁸ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 107.

⁶⁹ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 107.

⁷⁰ COLLINS, 1995, p. 100-101.

subjetivos classificam-se em três categorias: medo do castigo, perda de autoestima e um sentimento de solidão, rejeição ou isolamento”.⁷¹ Entende-se que a culpa subjetiva é a mais comum na vida dos pastores, levando-se em consideração, a sobrecarga de atividades e demandas ministeriais.

Friesen e Aguiar afirmam que a culpa pode levar o pastor a desistir do ministério:

Temos conversado com pastores deprimidos, solitários, angustiados, com sentimentos e atos homossexuais, líderes pastorais que estão passando por crises conjugais e outros tipos de problemas comuns a todas as pessoas. Descobre-se logo que a culpa faz parte da vida de todos. E o sentimento de culpa parece impulsionar ao isolamento e ao abandono do ministério. Ao sentir culpado, aparentemente a única coisa razoável a fazer seria desistir, entregar, abdicar e renunciar do ministério.⁷²

Uma vez que o pastor é um exímio estudioso da Bíblia e conhecedor das ciências humanas, não se deve deixar de lado a busca de apoio espiritual, psicológico e médico, caso haja necessidade. Um mentor experiente, o ajudará a lidar sabiamente com esse tipo de sentimento, uma vez que não pertencem a uma classe especial de pessoas. São de carne e osso, propensos às mesmas dificuldades e angústias que qualquer ser humano.

3.1.3 Ansiedade

O psicólogo Rollo May referiu-se a ansiedade, como “um dos problemas mais urgentes de nossos dias”.⁷³ A sobrecarga de tarefas, a velocidade em que acontece a informação, cobranças em todos os níveis e graus, intolerância crescente, tudo isso aliado à falta de tempo e a correria do dia a dia, fertiliza o terreno para o surgimento de ansiedade em suas mais variadas formas. “Quando falamos em ansiedade, estamos pensando em um conjunto de emoções e reações corporais que antecedem o novo, o desafio ou uma experiência de alguma forma arriscada ou estressante”.⁷⁴ O psiquiatra Leandro Teles, aborda os dois lados da ansiedade. Para ele, o lado do bem é aquele que traz motivação ao antecipar o prazer das conquistas “e a que nos resguarda dos riscos ao ajustar a reação de

⁷¹ NARRAMORE S. Bruce, “**Guilt: Where Theology and Psychology Meet**”, p. 22.

⁷² FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 108.

⁷³ MAY, Rollo. **The Meaning of Anxiety**. New York: Norton, 1977. p. 9.

⁷⁴ TELES, Leandro. **O cérebro ansioso: aprenda a reconhecer, prevenir e tratar o maior transtorno moderno**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018. p.12.

enfrentamento”.⁷⁵ Quando ocorre desregulação no sistema biológico, o lado patológico aparece, “gerando respostas físicas e emocionais desproporcionais em relação ao risco (exageradas seja em intensidade, seja em duração) ou na ausência de risco real”.⁷⁶

Os estudos de Friesen e Aguiar mostram que existem basicamente duas categorias de ansiedade: “Ansiedade de ação e ansiedade disforme”.⁷⁷ Para eles, todas as pessoas necessitam da ansiedade de ação, pois esse tipo, “é uma tensão geral e normal diante dos desafios da vida. (...) Por exemplo, levantar-se de manhã para enfrentar o dia requer um tanto de ansiedade de ação, caso contrário, permanecer-se-ia nos acolchoados”.⁷⁸ A segunda categoria é a ansiedade disforme, “as pessoas não conseguem descrever com clareza o que de fato as deixa ansiosas”.⁷⁹ Para os autores,

A ansiedade disforme nada resolve, nada constrói, não produz criatividade nem aumenta a fé das pessoas. Ela é apenas uma emoção que incomoda ou até tortura sem finalidades objetivas. Desta maneira, a ansiedade disforme pode apresentar-se como um transtorno de ansiedade, isto é, como fobia, como pânico, obsessão-compulsão etc. A ansiedade disforme adoce as pessoas, enquanto a ansiedade de ação mobiliza as pessoas.⁸⁰

Em seu livro: “As emoções de um líder”, o pastor Israel Alves Ferreira que também é psicólogo, afirma que “a ansiedade é uma patologia que ataca muito os líderes pela demanda nas quais eles se encontram envolvidos a cada dia”.⁸¹ Para Ferreira, o pastor preocupa-se com a busca de aprovação dos seus liderados, é criticado, elogiado, exigido, contestado, e muito mais. “(...) Isso é muito estressante, pois nunca conseguimos ser o que esperam de nós. Se nos preocuparmos com estas cobranças e exigências, certamente ficaremos doentes, pois nem o nosso Mestre conseguiu agradar a todos”.⁸²

A Bíblia, em suas páginas, não omite o assunto. Jesus, em seu Sermão do Monte, ensinou que não devemos ficar ansiosos com respeito às necessidades básicas da vida, tais como alimentos e roupas ou a respeito do futuro. “Decerto,

⁷⁵ TELES, 2018, p.12.

⁷⁶ TELES, 2018, p.12.

⁷⁷ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 92.

⁷⁸ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 92.

⁷⁹ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 93.

⁸⁰ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 93.

⁸¹ FERREIRA, Israel Alves. **As emoções de um líder**: como administrar corretamente as suas emoções. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 91.

⁸² FERREIRA, 2009, p. 91.

vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas”; (Mateus 6.32).⁸³ O apóstolo Pedro disse que devemos lançar sobre o Senhor Jesus, nossas ansiedades. E, o apóstolo Paulo, o grande bandeirante da fé, em sua carta aos Filipenses, nos ensina: “Não estejais ansiosos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças” (Filipenses 4.6).⁸⁴

O clérigo cuidadoso com a sua saúde mental, buscará nas Escrituras, o bálsamo rejuvenescedor, e em casos de adoecimento deve procurar ajuda de profissionais preparados, como psicólogos e psiquiatras para tratamento. Pois, a ansiedade se não for tratada, pode levar ao estresse grave e esgotamentos físico e mental.

3.1.4 Estresse

A vida tem ficado muito difícil no século XXI. O mundo evoluiu bastante nesses últimos anos, a despeito de grande prosperidade, menor necessidade de esforço físico e avanços tecnológicos de todo tipo, que deveriam facilitar a vida, a realidade é que as pessoas se sentem sob pressão o tempo todo. Christina Berndt, autora do best-seller: *Resiliência: o segredo da força psíquica*, afirma:

Precisamos ser mais rápidos, mais precisos, mais profissionais em nossos empregos. Antigamente, tínhamos uma semana para redigir uma carta comercial bem-elaborada; hoje, já precisamos pedir desculpas se respondermos a um e-mail apenas no dia seguinte.⁸⁵

Derivada do latim, a palavra estresse foi empregada popularmente no século XVII significando fadiga, cansaço. A partir dos séculos XVIII e XIX, o termo estresse aparece relacionado com o conceito de força, esforço e tensão.⁸⁶ O endocrinologista Hans Selye, foi quem introduziu o vocábulo *stress* no meio científico e apresenta a sua definição, como: “O estado manifestado por uma síndrome específica que consiste em todas as mudanças não específicas induzidas dentro de um sistema

⁸³ A BÍBLIA, 1997.

⁸⁴ A BÍBLIA, 1997.

⁸⁵ BERNDR, Christina. **Resiliência: o segredo da força psíquica**. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 9.

⁸⁶ PEREIRA, Ana Maria T. Benevides, (org). **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 24.

biológico”.⁸⁷ Para Berndr: “Cada pessoa é confrontada com problemas, às vezes com problemas sérios, sempre de novo e sempre de forma nova – e, muitas vezes, justamente no momento inesperado”.⁸⁸ O pastor e psicólogo Jamiel Lopes, ratifica o pensamento dos autores citados e complementa: “Não há dúvida de que a vida pós-moderna trouxe consigo alguns problemas existenciais, como a ansiedade, a depressão e o estresse patológico”.⁸⁹

O estresse, portanto, é um processo que apresenta três fases: reação de alarme, etapa de resistência e etapa de esgotamento. Ana Maria T. Benevides Pereira, explica, fundamentada nos estudos de Hans Selye, que na primeira fase, “o organismo é exposto ao agente estressor, quando se ativa o estado de alerta. [...] Após o susto, a pessoa volta a seu estado de repouso e o ciclo aqui se encerra”.⁹⁰ O problema acontece, quando o equilíbrio não é recuperado, mesmo tendo cessado a ameaça. Se o perigo ou desafio persistir, então passa-se para a segunda fase: “a ativação do organismo permanece, entretanto, manter a fase de alarme no mesmo patamar levaria o organismo rapidamente à exaustão e, em consequência, à morte”.⁹¹ Nesta fase, os estudos mostram que o organismo tende a uma adaptação ao agente estressor. Mas, caso isso não aconteça entra em curso a terceira fase: “etapa de esgotamento”. Aqui, o indivíduo traz em seu bojo todos os sintomas de consequente deterioração do organismo.⁹²

Pastor também fica estressado? Pesquisa realizada pela Envisionar, coordenada por Lourenço Stelio Rega, que contou com mais de três mil participantes de diferentes denominações, com a maior parte dos pastores e líderes entrevistados na faixa etária entre 30 e 60 anos, em igrejas com até 250 membros, apresentou dados que comprovam estresse na labuta eclesial, principalmente em tempos vivenciados pela pandemia:

De acordo com os resultados da pesquisa feita pela Envisionar, 49% dos pastores e líderes entrevistados se dizem estressados ou muito estressados por causa da pandemia. Há vários motivos para isso. Além de terem que lidar com o novo e o desconhecido, eles precisam dar conta de uma crescente demanda pastoral e com a falta de uma equipe ou de outros

⁸⁷ SELYE, H. **The stress of life**. New York, McGrawHill, 1965. p. 54.

⁸⁸ BERNDR, 2018, p. 10.

⁸⁹ LOPES, Jamiel de Oliveira. **Psicologia Pastoral: a ciência do comportamento humano como aliada ministerial**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 131.

⁹⁰ PEREIRA, 2010, p. 28-29.

⁹¹ PEREIRA, 2010, p. 28-29.

⁹² PEREIRA, 2010, p. 28-29.

líderes com quem possam compartilhar as demandas. O relatório da pesquisa descreve: “Como eles já estavam cansados antes da pandemia, muitos deles não suportaram a demanda da pandemia e simplesmente abandonaram suas posições de liderança. Alguns até foram para outras igrejas pela necessidade de se abastecerem. Isto fez com que muitos pastores ficassem ainda mais sobrecarregados”. Para aliviar as dores e tensões do ministério, os resultados indicam que a solução que mais pode ajudar, para 44,1% dos pastores e líderes, é capacitar outros líderes. Outros caminhos também são apontados, tais como mentoria (30,3%), aconselhamento (29,1%), terapia (26,1%), consultoria (14,7%) e coaching cristão (11,7%). Considerando que era possível marcar mais de uma resposta, os resultados indicam que um terço dos pastores e líderes precisam de algum tipo de ajuda de outras pessoas e quase metade precisa começar a capacitar líderes.⁹³

Blizzard *apud* Lotufo, entrevistou 690 clérigos protestantes e notou que trabalhavam pelo menos 10 horas por dia. 2/5 da carga horária era dedicada à administração, o que eles não apreciavam fazer, e não achavam ser uma prioridade. Estavam sempre de prontidão, sentiam-se empurrados em muitas direções, por muitas necessidades, desejos e expectativas das pessoas ao redor. Submetidos a estereótipos baseado na história da igreja e nos pastores que os antecederam.⁹⁴ A psicóloga Roseli M. Kühnrich de Oliveira esclarece que “o pastor, sendo um cuidador que lida com dores alheias, é uma pessoa exposta ao sofrimento”.⁹⁵ Daí, a necessidade premente do cuidado que deve ter com a sua saúde mental, assunto que será abordado nesta pesquisa, quando for tratado sobre as medidas preventivas que todo pastor precisa observar para o seu bem-estar ministerial.

3.1.5 Depressão

No Brasil ainda não há muitas pesquisas, mas a depressão em líderes religiosos é um assunto em pauta. É uma realidade difícil de ser aceita pela igreja, pois o pastor é visto como uma pessoa perfeita, um super-homem, um semideus. É vista no meio evangélico, com um índice maior entre os pentecostais, como uma doença espiritual. Então, imaginar o pastor com depressão seria algo inconcebível. Mas, o pastor como um ser humano, encontra-se suscetível como qualquer outra

⁹³ REIS, Phelipe. **Pesquisas apontam os desafios pastorais e as tendências da igreja na pós-pandemia.** Ultimato Online, 2021. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/pesquisas-apontam-os-desafios-pastorais-e-as-tendencias-da-igreja-na-pos-pandemia>. Acesso em: 23 jun. 2021.

⁹⁴ LOTUFO NETO, Francisco. **Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos.** Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Livre-docente junto ao Departamento de Psiquiatria São Paulo 1997. p. 225.

⁹⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 70.

pessoa a adoecer e ficar deprimido. Helder Cardin⁹⁶ em sua introdução ao livro: *Depressão e Graça*, afirma que, “Por muito tempo, a depressão foi relegada ao status exclusivo de pecado ou encarada como fruto de eventual iniquidade. Na ‘melhor das hipóteses’, era tida como expressão de fraqueza ou inércia espiritual”.⁹⁷

A depressão destrói carreiras, casamentos, planos, sonhos, e o faz sem *glamour*, na solidão da introspecção da pessoa portadora; age na calada da noite, fantasiada de “não doença”, por vezes sem que ninguém perceba. “Acredita-se que mais da metade dos portadores não recebem nenhum diagnóstico. [...] os números da depressão são absolutamente alarmantes: mais de 300 milhões de portadores no mundo, sendo mais de 10 milhões apenas no Brasil”.⁹⁸ O neurologista Leandro Teles, graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), pontua que a doença ocorre em qualquer fase da vida, “[...] o risco individual de alguém desenvolver depressão está em redor de 10%, sendo mais elevado em determinados grupos, como pessoas com história familiar ou pessoas com doenças crônicas”.⁹⁹

Os sintomas de depressão considerados por Teles abarcam três grupos importantes: psíquicos, físicos e cognitivos.¹⁰⁰ O primeiro grupo, é o carro-chefe do diagnóstico, “compõe um conjunto praticamente obrigatório de alterações para pensarmos em um quadro de depressão”.¹⁰¹ Entre os sintomas psíquicos, o autor apresenta: “a tristeza patológica, a dificuldade em sentir prazer, a sensação de frustração e culpa, a redução da autoestima, a falta de motivação e entusiasmo, a desesperança, o negativismo ou pessimismo e o desapego à vida”.¹⁰² Os sintomas do segundo grupo apresentados pelo autor, são expressos no corpo, como: “distúrbios de sono, alterações no rendimento sexual, perturbação do apetite, fadiga e indisposição, disfunções intestinais, dores de cabeça e no corpo, tonturas,

⁹⁶ Herder Cardin possui bacharelado em Teologia com ênfase em Educação Cristã e Ministério Pastoral e mestrado em Teologia Pastoral com ênfase em Educação Cristã; é Reitor do Seminário Bíblico Palavra da Vida e Coordenador do Departamento de Educação Cristã, além de Professor e Orientador no mesmo seminário, em Atibaia, SP e é membro da equipe pastoral da Igreja Evangélica Batista Nova Aliança em Ribeirão Preto, SP.

⁹⁷ PORTE JÚNIOR, Wilson. **Depressão e graça**: o cuidado de Deus diante do sofrimento de seus servos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2016. p. 17.

⁹⁸ TELES, Leandro. **Depressão não é fraqueza**: como reconhecer, prevenir e enfrentar a doença mais incapacitante do cérebro. São Paulo: Alaúde Editorial, 2019. p. 18.

⁹⁹ TELES, 2019, p. 18.

¹⁰⁰ TELES, 2019, p. 27.

¹⁰¹ TELES, 2019, p. 27.

¹⁰² TELES, 2019, p. 27.

sensação de vazio e desconforto no peito”.¹⁰³ E, o terceiro grupo, menos comentado, mas frequente e importante. O cérebro fica mais lento, desmotivado e apresenta falhas de rendimento, com sintomas, como: “esquecimentos, desatenção, falta de criatividade, discurso empobrecido, dificuldade em gerar empatia, incapacidade de tomar decisões, avaliação inadequada de risco [...]”.¹⁰⁴

Autores como Zack Eswine em “A Depressão de Spurgeon”, João Rainer Buhr “O sofrimento do pastor”, Wayne Cordeiro “Andando com o tanque vazio”, Wilson Porte Júnior “Depressão & Graça”, apresentam contribuições relevantes sobre o tema em foco. “Charles Haddon Spurgeon, um dos maiores pregadores de todos os tempos, amado por sua impressionante habilidade de comunicar a Palavra de Deus, sua inteligência brilhante e seu humor perspicaz”.¹⁰⁵ Esse ilustre pastor que já pregou para multidões de até 20 mil pessoas enfrentou a depressão durante toda sua vida. Escreveu certa vez: “Meu sucesso me chocou; a ideia de uma carreira que aparentemente se abria, longe de me animar, jogou-me numa enorme profundidade, da qual expressei meu sofrimento”.¹⁰⁶ O que demonstra com clareza que o pastor não está imune, uma vez que a depressão é uma doença que acomete pessoas, indistintamente.

3.1.6 Síndrome de *Burnout*

No estudo dos sofrimentos psíquicos em pastores e pastoras, percebe-se que há entrelaçamentos e níveis ascendentes que, se não forem tratados, podem evoluir e provocar seríssimos desgastes em sua saúde mental. A síndrome de *Burnout* é um estágio avançado desse adoecimento.

Em sua origem, a palavra inglesa *Burnout* é o resultado da junção de *burn* (queima) e *out* (exterior), caracteriza-se como um sofrimento psíquico acumulativo, fruto de desgaste orgânico, principalmente nas relações afetivas interpessoais no trabalho, provocado pela exaustão de comportamentos “hétero” ou autoagressivos. Usa-se também *worn-out* para designar coisas gastas ou pessoas exauridas ou cansadas.¹⁰⁷

¹⁰³ TELES, 2019, p. 27-28.

¹⁰⁴ TELES, 2019, p. 27-28.

¹⁰⁵ CORDEIRO, Wayne. **Andando com o tanque vazio?:** encha o tanque e renove a paixão. Tradução Emerson Justino. São Paulo: Editora Vida, 2011. p. 46.

¹⁰⁶ SPURGEON, Charles. **The Ministers Fainting Fits**, Lecture XL. Disponível em: www.the-highway.com/articleSept99.html. Acesso em: 24 jun. 2021.

¹⁰⁷ PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos presbíteros:** dor institucional. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013. p. 28.

O conceito “*Burnout*” destacou-se quando o psicólogo Herbert J. Freudenberg¹⁰⁸, em 1974, utilizou o termo pela primeira vez em diagnóstico clínico, referindo-se ao alto custo emocional que as pessoas apresentam no desgaste afetivo e no desempenho do trabalho provocado pela fadiga de compaixão. A Síndrome de *Burnout* desenvolve-se lenta e silenciosamente por um longo período. O pesquisador Herbert Freudenberg, e sua colega Gail North, dividiram o processo em 12 estágios, que podem se suceder, alternar-se ou ocorrer ao mesmo tempo: 1) Necessidade de se afirmar; 2) Dedicção intensificada; 3) Descaso com as próprias necessidades; 4) Recalque de conflitos; 5) Reinterpretação dos valores; 6) Negação de problemas; 7) Recolhimento; 8) Mudanças evidentes de comportamento; 9) Despersonalização; 10) Vazio interior; 11) Depressão; e, 12) Síndrome do Esgotamento Profissional.¹⁰⁹

No Brasil, a “Síndrome de *Burnout*” integra a Lista de Doenças Profissionais e Relacionadas ao Trabalho (Ministério da Saúde, Portaria 1339/1999), além de estar registrada nos Anais da Classificação Internacional de Doenças, 10ª revisão, CID-10¹¹⁰, com o seguinte código e descrição: “Z 73.0 – Sensação de estar ‘acabado’”.¹¹¹ Os estudos comprovam que a Síndrome de *Burnout* incide em pessoas cuidadoras, com fortes relações interpessoais, como: professores, assistentes sociais, médicos, psicólogos, enfermeiros, padres, pastores etc. Todos esses e todas essas profissionais procuram fazer os outros felizes, melhores e curados.

A pesquisadora Ana Maria T. Benevides Pereira, em seus estudos fundamentados no trabalho das psicólogas sociais Christina Maslach e Susan Jackson (1977), evidenciaram as variáveis socioambientais como coadjuvantes do processo de desenvolvimento de *Burnout*: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional.¹¹² William Cesar Castilho Pereira, acrescenta que a Síndrome de *Burnout*, pode apresentar além desses, diversos outros sintomas, como: esgotamento emocional e a diminuição de recursos psíquicos, intelectuais e baixa autoestima; despersonalização, isto é, desempenhar o próprio serviço sem envolver-se pessoalmente; somatização ou manifestação generalizada no corpo,

¹⁰⁸ Herbert J. Freunderberger (1926-1999), nascido na Alemanha e naturalizado norte-americano, utilizou o vocábulo “Burnout”, pela primeira vez em 1974, no seu livro *Burn-out: The High Cost of High Achievement* (Burn-out: o alto custo da alta performance).

¹⁰⁹ PEREIRA, 2013, p. 28-30.

¹¹⁰ Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10, 1993.

¹¹¹ PEREIRA, 2013, p. 33.

¹¹² PEREIRA, 2013, p. 28-29.

como: cansaço físico, mal-estar geral, fadiga, frequentes dores de cabeça, aumento da pressão arterial, úlceras digestivas, aumento dos batimentos cardíacos, distúrbios gastrintestinais, dores de coluna e musculares, fibromialgias, entre outras; transtorno de comportamento, como: irritabilidade e frequentes conflitos interpessoais, quadro paranoide, distanciamento afetivo, absenteísmo, baixo rendimento constante e quadros depressivos; e, probabilidade de desenvolver outras condutas aditivas, como: consumo de álcool, fármacos, drogas, uso excessivo da internet ou transtornos alimentares, como bulimia e anorexia.¹¹³

O capítulo 18 de Êxodo¹¹⁴ traz um exemplo bíblico clássico, do modelo de liderança adotado por Moisés, o maior líder do Antigo Testamento, baseado na centralidade de tarefas, o que fatalmente o levaria a aniquilação de seu ânimo e saúde, não fosse a intervenção sábia de Jetro, seu sogro. Moisés assentava-se para julgar às sete da manhã e atendia dezenas de demandas até o cair da noite. Estimava-se em torno de dois milhões de hebreus. “Qualquer humano, mesmo o mais robusto, esgotar-se-ia em semanas ao tratar sozinho dos pleitos, pequenos e grandes, de uma nação inteira. [...] Em pouco tempo, Moisés seria consumido pelo estresse”.¹¹⁵ O Ministério, seja em que área for, pode se tornar um peso insuportável. Não é para menos que há tantos pastores esgotados, líderes estressados e igrejas cansadas.

O Dr. Lotufo Neto, médico psiquiatra e professor do Hospital das Clínicas em São Paulo, encontrou em seus estudos maior incidência de doenças mentais entre ministros protestantes do que entre a população da Grande São Paulo em geral. Os transtornos depressivos responderam por 16,4% dessas doenças.¹¹⁶

O esgotamento entre os pastores, talvez seja muito mais comum do que se imagina. Embora o componente da espiritualidade seja um fator de saúde, (as orações, a leitura bíblica seguida pelos devocionais), o desgaste em função das crescentes demandas, torna-os vulneráveis a exaustão emocional, física e espiritual.

¹¹³ PEREIRA, 2013, p. 35.

¹¹⁴ **A BÍBLIA**, 1997.

¹¹⁵ KOPESKA, 2018, p. 27.

¹¹⁶ KOPESKA, 2018, p. 30.

3.1.7 Risco de Suicídio

Rodolfo Gaede Neto¹¹⁷, em seu artigo: “Suicídio: reflexões em torno de um caso-limite” pontua que, “o suicídio existe em todos os tempos, em todas as culturas, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias. Neste sentido, pode-se dizer que o suicídio faz parte da condição humana”.¹¹⁸ Para Cassorla, “não existe uma causa para o suicídio. Trata-se de um evento que ocorre como culminância de uma série de fatores que vão acumulando na biografia do indivíduo”.¹¹⁹ Quando a dor se torna insuportável, a pessoa não suporta a profunda angústia sofrida e comete suicídio, o ápice de todo sofrimento humano.

Santo Agostinho (354-430), um importante teólogo do período medieval, em “Confissões” e em “A cidade de Deus”, retomou e transformou as ideias que haviam sido anteriormente defendidas por Platão. Afirmou que, como a vida é um presente de Deus, desfazer-se dela é o mesmo que contrariar Sua vontade e, como consequência, rejeitá-lo. “Ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos”.¹²⁰ Matar-se passou a ser um pecado mortal.¹²¹ No século XIII, outro importante teólogo, São Tomás de Aquino, acrescentou, em sua Summa teológica, que o suicídio não deixava chance de arrependimento. Era, por isso, o pior dos pecados.¹²²

Neury José Botega¹²³ pontua que no século XIX, a Revolução Industrial ocasionou profundas mudanças na sociedade, o que estimulou o estudo dos processos de transformação social. Em 1897, surgiu uma obra fundamental: “O suicídio”, de Emile Durkheim. Com esse livro, deslocou-se o foco associado ao suicídio: do indivíduo, para a sociedade; da moral, para os problemas sociais. Na pós-modernidade, respaldada pelos aportes científicos, afirma o mesmo autor, “a responsabilidade pelo suicídio diluiu-se em um conjunto complexo de influências que

¹¹⁷ Doutor em Teologia, atua como professor de Teologia Prática na Faculdades EST. Autor de livros e artigos na área de cuidado pastoral e diaconal.

¹¹⁸ WONDRAK, Karin H. K; HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. (org.). **Sombras da alma: tramas e tempos da depressão**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 121.

¹¹⁹ CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papyrus, 1991. p. 20.

¹²⁰ BOTECA, Neury José. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 19.

¹²¹ BOTECA, 2015, p. 19.

¹²² BOTECA, 2015, p. 20.

¹²³ Psiquiatra. Professor titular do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

consolidaram, desde o século XVII, o novo olhar sobre o indivíduo – antes pecador, agora vítima”.¹²⁴

Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) feitas para o ano de 2012, a taxa de suicídio foi de 800 mil mortes. Estamos falando de um suicídio, em algum lugar do planeta, a cada 45 segundos, ou de um contingente de mais de duas mil pessoas que põem fim à vida diariamente. Jovens e adultos, jovens são os mais afetados – é a segunda causa mais frequente de morte entre os que têm entre 19 e 25 anos de idade. Em termos globais, o suicídio é responsável por 1,4% do total de mortes. Ao fim de cada ano, constitui 50% das mortes violentas entre homens; 71% entre mulheres. O total de mortes por suicídio supera a soma de todas as mortes causadas por homicídios, acidentes de transporte, guerras e conflitos civis. Estima-se que as tentativas de suicídio sejam de 10 a 20 vezes mais frequentes do que o suicídio. No Brasil, o coeficiente médio de mortalidade por suicídio no período de 2004 a 2010 foi de 5,7 (7,3 no sexo masculino e 1,9 no feminino; relação de 3,8:1) e de 5,8 em 2012, segundo estimativa da OMS.¹²⁵

Segundo Cassorla, dentre os possíveis fatores que levam ao suicídio, estão: os constitucionais, ambientais, culturais, biológicos, psicológicos etc. e acrescenta que aquilo que chamamos de “causa” geralmente é o elo final dessa cadeia. O mesmo autor menciona o medo da loucura, medo do aniquilamento, medo da desintegração, tristeza incomensurável, desesperança, melancolia, um sentimento de que nada mais vale a pena. Diante de tudo isso, a morte é vista como solução para todos os problemas da vida. “Não porque se deseje a morte, mas porque a vida se torna insuportável”. Deve-se compreender que o suicida não quer morrer, mas fugir do sofrimento.¹²⁶ O pastor como ser humano, sujeito às mesmas fraquezas e intempéries da vida, não é autoimune, e as pesquisas apontam para essa triste realidade. Nas próximas linhas, este assunto será tratado com o devido cuidado.

3.2 SOFRIMENTO PSÍQUICO EM PASTORES

Pastores são pessoas que também passam por sofrimentos, enfrentam angústias e dores, crises e problemas que podem causar transtornos físicos, psicológicos e emocionais, provocando abalos em sua saúde mental, caso não sejam tratados, devidamente. “Apesar de não parecer, inúmeros pastores estão

¹²⁴ BOTEGA, 2015, p. 23.

¹²⁵ BOTEGA, 2015, p. 38-42.

¹²⁶ CASSORLA, 1991, p. 20-22.

destruídos, sentindo-se completamente desamparados e sem perspectivas alguma de melhora. Para alguns, a única solução é pedir o afastamento dos púlpitos”.¹²⁷

3.2.1 O sofrimento psíquico em pastores

O psiquiatra Christophe Dejours, expoente da Escola Francesa na abordagem das questões envolvendo a psicodinâmica do trabalho, tem dado contribuições relevantes nessa área que comprovam através de pesquisas, os impactos de natureza psíquica, que sofrem os trabalhadores em sua labuta diária, e os pastores, como trabalhadores, estão inseridos nesse processo de adoecimento psicoemocional:

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora.¹²⁸

Recentemente, o pastor e escritor Wayne Cordeiro, abriu o coração e compartilhou com seus leitores e suas leitoras, a experiência vivida com a Síndrome de *Burnout*, nomeada por ele, de “Tanque vazio”. “Foi uma jornada por um período de *Burnout* e recalibragem que mudaria radicalmente meu estilo de vida, meus valores, meus objetivos e até mesmo meu chamado”. Relata, que: “Os sinais estavam por toda minha volta, mas eu os ignorei. [...] Minha atitude confiante se tornara pesarosa, e uma alma que antes era um oceano de vida era agora um lago de água estagnada”.¹²⁹

Os estudos mostram que o sofrimento psíquico em pastores assembleianos, está associado ao desgaste psicológico, desgaste físico, sentimento de desvalorização, falta de liberdade nas realizações das tarefas, sensação de despreparo, além de perda de controle emocional, estresse, aborrecimento constante e impaciência, assunto este que será mais aprofundado no último capítulo desta pesquisa dissertativa.

¹²⁷ BERNDR, 2018. p. 21.

¹²⁸ DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez. 1992. p. 133.

¹²⁹ CORDEIRO, 2011, p. 13-14.

3.2.2 Quando a dor se torna insuportável

O suicídio de pastores, pastoras e líderes religiosos tem chamado a atenção e causado preocupação às igrejas nesses últimos tempos. A Bíblia traz alguns registros de líderes e pessoas comuns que cometeram suicídio, a exemplo de Sansão, Saul e o escudeiro, Aitofel, Zinri e Judas. Nas Escrituras Sagradas, o suicídio é sempre visto como algo negativo e repugnável. “O que está acontecendo com aqueles que foram chamados para cuidar, mas não conseguem administrar suas próprias crises? O que leva pessoas que já ajudaram a tantos, a desistirem da própria vida?”¹³⁰

O escritor e palestrante, Everton Lacerda¹³¹, em seu livro: *Suicídio de Pastores: uma análise dos fatores de risco que contribuem para a consumação do suicídio* elenca algumas causas, como: pastores se suicidam quando ignoram a sua humanidade; quando a igreja ignora a sua humanidade; quando não são cuidados em suas crises; e, quando entram em *Burnout*,¹³² O pastor e escritor Caio Fábio, em entrevista concedida a Danielle, sobre esgotamento do pastor,

Primeiramente ele deve saber que não passa de um ser humano. Quando há desrespeito para com a dimensão humana, o corpo cansa, a alma se esgota e o espírito perde a alegria de servir pelo simples privilégio de servir. Além disso, o pastor não pode sucumbir à “necessidade” da igreja de que ele se apresente como um ser mineral, para além da necessidade de viver e respirar a mesma Graça que prega para outros.¹³³

O suicídio é o resultado de uma complexa interação de fatores biológicos, genéticos, culturais, psicológicos, sociais, ambientais e espirituais. A psicóloga Roseli de Oliveira, já citada nesta pesquisa, fala que: “É difícil explicar por que algumas pessoas decidem cometer suicídio, enquanto outras em situação similar (ou pior) não o fazem. Contudo a maioria dos suicídios pode ser prevenida e evitada”.

Para entender o sofrimento psicoemocional dos pastores assembleianos, é importante perceber que são seres humanos, com limitações e vulnerabilidades. Enfrentam, como qualquer outra pessoa, a dor da solidão, sentimento de culpa,

¹³⁰ SANTOS, Adrielly Machado Araujo. **Suicídio e o Ministério Pastoral**. Disponível em: <http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/187/188>. p. 91. Acesso em: 21 jul. 2021.

¹³¹ É bacharel em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pastor da Igreja Batista da Amizade em Jardim Vista Alegre – SP, escritor e palestrante.

¹³² LACERDA, Everton A. P. **Suicídio de Pastores: uma análise dos fatores de risco que contribuem para a consumação do suicídio**. São Paulo: Pé de Lima, 2019. p. 48-59.

¹³³ FÁBIO, Caio. **Esgotamento do pastor**. Disponível em: <https://ejesus.com.br/esgotamento-do-pastor/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ansiedade, estresse, esgotamento, e outras demandas suscetíveis ao ministério pastoral.

No próximo capítulo, sobre uma igreja assembleiana que cuida, serão abordadas a relação entre igreja e pastores, as causas potenciais do adoecimento de pastores, os meios de prevenção do esgotamento pastoral e a rede de apoio a pastores em sofrimento psíquico.

4 UMA IGREJA ASSEMBLEIANA QUE CUIDA

Neste último capítulo retomam-se os conceitos de sofrimento psíquico em pastores assembleianos e os cuidados dispensados pela Igreja no sentido de oferecer ajuda necessária ao pastor no desempenho de suas funções ministeriais, com o objetivo de propor alternativas viáveis de acompanhamento integral aos pastores, chamados também de ministros do evangelho de Cristo. Estas propostas originadas da vivência clínica e pesquisa bibliográfica somam elementos nas áreas psicológicas e teológicas, como se verá a seguir, entendendo que essas contribuições no campo multidisciplinar são importantes na relação de ajuda e de apoio sistêmico.

4.1 RELAÇÃO IGREJA E PASTORES

Ao abordar sobre a relação vivenciada entre a instituição chamada Igreja e a figura do pastor assembleiano, deve-se levar em consideração alguns fatores considerados relevantes para a sua compreensão. Parte dessas demandas já foi analisada no primeiro capítulo desse texto dissertativo, ao pesquisar sobre a história das Assembleias de Deus no Brasil, sua estrutura organizacional, suas formas de governança, um misto entre congregacional e episcopal, fruto da herança sueca e norte americana, sem falar da forte influência sociopolítica existente em nossa nação, a exemplo do getulismo, que inspirou a titulação tão conhecida hoje, a de pastor presidente.¹³⁴ Sem esse estudo fica difícil compreender como se dá a relação pastor e igreja. Quem explica melhor essa realidade é a Consultoria Contábil Étika Soluções:

O modelo de governo episcopal centraliza as decisões na pessoa do presidente da Igreja. [...] O governo da Igreja é atribuído aos membros, que tomam as decisões através de uma assembleia geral. Nesse modelo, todos os membros em comunhão possuem direito de voto sobre questões que vão desde a reforma da Igreja até a eleição da Diretoria.¹³⁵

Essa relação paradoxal de poder é algo que se não for bem administrado pode gerar desgastes desnecessários ao pastor e a igreja. Porque ao mesmo tempo

¹³⁴ ALENCAR, 2019, p. 91.

¹³⁵ ÉTIKA Soluções – Assessoria Contábil. **Igreja:** tipos de governo eclesiástico. Disponível em: <https://etikasolucoes.com.br/igreja-tipos-de-governo-eclasiastico>. Acesso em 04 ago. 2021.

em que a assembleia tem o poder de decidir tudo, conforme o estatuto, o sistema acaba sobrecarregando o pastor presidente¹³⁶, porque tudo se esbarra nele. Gedeon Alencar, explica da seguinte maneira: “O modelo de administração assembleiana se molda na passagem da *República Velha* para o *Estado Novo*. A instauração de Ministérios com suas congregações e subcongregações [...]”.¹³⁷ Essa sobrecarga e o misto de governo eclesiástico assembleiano, podem gerar sofrimentos psicoemocionais ao pastor no exercício de suas atividades ministeriais, que se não forem devidamente cuidados podem levar a transtornos mentais e outras formas de adoecimentos.

4.2 CAUSAS POTENCIAIS DO ADOECIMENTO DE PASTORES

"O ser humano é o único dotado de um sofrimento intrínseco, decorrente do excesso, de algo que incomoda, perturba ou provoca insatisfação", atesta Manoel Tosta Berlink, do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.¹³⁸ Sabe-se que o sofrimento psíquico é uma modalidade advinda de uma série de fatores causais, que se não forem devidamente tratados, podem transformar-se em transtornos psicopatológicos, que uma vez instalados levam ao adoecimento. Há muitas causas que podem ser destacadas no processo de adoecimento de pastores, estas destacaremos a seguir.

4.2.1 A forma de organização do trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho tem como objetivo estudar não apenas as relações entre condutas e comportamentos dos trabalhadores com as vivências de prazer e sofrimento, mas sua relação com a organização do trabalho, fonte de pressões, dificuldades e desafios, e as relações sociais envolvidas.¹³⁹ Chirstophe

¹³⁶ O pastor presidente dentro do sistema administrativo das Assembleias de Deus, é o responsável por uma cidade ou região, sendo pastor de várias congregações e líder de presbíteros, evangelistas e pastores. Recebe um peso maior. Trata-se de uma espécie de bispo.

¹³⁷ ALENCAR, 2019, p. 91.

¹³⁸ MALAVOLTA, Andréa. *Jornal da Unicamp*, p. 8-9, 2000. **As novas formas de sofrimento**. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/out2000/pagina8e9-Ju155.html. Acesso em: 04 ago. 2021.

¹³⁹ DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E; & JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. p. 31.

Dejours¹⁴⁰, estudioso das psicopatologias do trabalho, afirma que o sofrimento psíquico tem uma relação com as condições e a forma como o trabalho é organizado.

Por condição de trabalho é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos. Poeiras, fumaças etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho. Por organização do trabalho designamos a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa (na medida em que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidades etc.¹⁴¹

Para Dejours, o trabalho em si não é adoecedor. O que é prejudicial ao aparelho psíquico é a forma como esse trabalho é organizado. “Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que as ignora”.¹⁴² Erwin Lutzer, pastor e mestre em teologia, trabalha muito bem essa dinâmica em seu livro: *De pastor para pastor*, onde descreve sobre a vida pastoral. Para o autor, poucos membros da congregação conhecem as exigências de seus compromissos. “Os pastores estão constantemente sujeitos à avaliação do público”.¹⁴³ As atividades ministeriais são intensas e o ativismo é ameaçador. Nesse viés, o pastor assembleiano necessita prestar atenção as várias nuances de sua vida eclesial, que se não forem bem-organizadas propiciará campo fértil ao sofrimento psíquico em seus vários matizes.

4.2.2 A ideia de que o pastor é um ser especial

As evidências mostram que os pastores estão suscetíveis a sofrimentos de natureza psicoemocional em virtude de sua árdua missão. Mas há um equívoco por parte da membresia, que o pastor pertence a uma classe superior de pessoas. João Rainer Buhr, trabalha muito bem essa questão ao afirmar: “Não são considerados seres humanos comuns, sujeitos a todos os sofrimentos e desafios, pertinentes a

¹⁴⁰ Médico francês, especialista em medicina do trabalho, psiquiatra, psicanalista, ergonomista e ex-professor da Faculdade de Medicina de Paris. Faz pesquisas sobre temas situados nas fronteiras da psicopatologia: psicossomática e psicopatologia do trabalho.

¹⁴¹ DEJOURS, 1988, p. 25.

¹⁴² DEJOURS, 1988, p. 133.

¹⁴³ LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. São Paulo: Editora Vida, 2000. p. 19.

quaisquer pessoas, ou seja, parece que alguns membros veem no pastor um ser quase celestial, que está imune a problemas”.¹⁴⁴

Pesquisas apontam para essa visão distorcida e idealizada da pessoa-pastor. E esse constructo não é algo criado somente pela igreja, em sua maioria, o próprio pastor ao não admitir suas limitações como ser humano, passa para sua comunidade de fé, uma imagem de semideus. O pastor Caio Fábio, em entrevista sobre esgotamento do pastor, responde: “Primeiramente ele deve saber que não passa de um ser humano. Quando há desrespeito para com a dimensão humana, o corpo cansa, a alma se esgota e os espírito perde a alegria de servir pelo simples privilégio de servir”.¹⁴⁵ O pastor deve, então, esvaziar-se da tentação do poder pessoal e renunciar a qualquer tipo de privilégio que lhe é proporcionado pelo púlpito da igreja, pois trata-se de mera ilusão que pode custar-lhe muito caro. Falar de assuntos relacionados a sua humanidade, limitações, inclusive falhas, ajuda enormemente nessa desmistificação, o que se torna saudável a ambos: pastor e igreja. “Toda congregação é uma congregação de pecadores. Se isso não fosse ruim o bastante, todas elas têm pecadores como pastores”.¹⁴⁶

4.2.3 A pressão da autocobrança e da cobrança da igreja

O cuidado exagerado com a própria imagem diante das pessoas tem levado muitos pastores a viverem uma dissimulação, e essa autocobrança se não for cuidada pode deixar o ministro estressado a ponto de perder o equilíbrio emocional na frente dos fiéis. Segundo o pastor Marcos Kopeska, “[...] para piorar as coisas toda carga emocional represada faz com que ele exploda com a esposa e os filhos no ambiente do lar”.¹⁴⁷ Tudo isso pode deixar o pastor ansioso e preocupado com a dinâmica do trabalho e com os problemas que ameaçam a segurança e a unidade da igreja.

É notório que uma boa parte de pastores não consegue relaxar. O peso da responsabilidade é intenso e o zelo excessivo pode se transformar em um fardo de

¹⁴⁴ BUHR, 2017, p. 32.

¹⁴⁵ FÁBIO, Caio. **Esgotamento do Pastor**. Disponível em: <https://ejesus.com.br/esgotamento-do-pastor/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

¹⁴⁶ PETERSON, Eugene. **A vocação espiritual do pastor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 27.

¹⁴⁷ KOPESKA, 2018, p. 34.

cobranças internas, cada vez maior, chegando ao insuportável. O mesmo autor trata o assunto com muito esmero:

Cobranças pelo pecado do rebanho, pelo perfeccionismo pessoal, pela performance nos resultados, pelos números, pelo ânimo da família, pelo irmão não atendido, pelo aconselhamento não concluído, pela família desertora. Sempre para satisfazer outros, e não para sua realização pessoal. Esse fardo tende a ser cada vez mais denso e pesado e levar o pastor ao abandono do ministério.¹⁴⁸

Pesquisas realizadas pela *LifeWay Research*, com um público de 1500 ministros de igrejas evangélicas norte-americanas, revelam que 13% dos que eram pastores em 2005, abandonaram o ministério 10 anos mais tarde. Outros dados relevantes nesta pesquisa são:

- 84% dizem que estão de plantão 24 horas por dia;
- 80% esperam conflitos em sua igreja;
- 54% acreditam que ser pastor frequentemente os sobrecarrega;
- 53% preocupam-se seguidamente com a saúde financeira da família;
- 48% sentem frequentemente que as exigências do ministério são maiores do que eles conseguem lidar;
- 21% dizem que sua igreja tem expectativas irrealistas sobre eles.¹⁴⁹

Essa autocobrança acompanhada de avaliação constante da igreja, acopladas a muitos outros elementos, como a necessidade de agradar a todos e todas, contribuem para o aumento de vulnerabilidades na vida do pastor assembleiano, deixando-o cada vez mais com sua consciência maculada por não ter conseguido atender todas as demandas da lida ministerial.

4.3 MEIOS DE PREVENÇÃO DO ESGOTAMENTO PASTORAL

O sofrimento psíquico produzido pela má organização do trabalho eclesial, pela idealização das pessoas em conceber o pastor como um ser dotado de todas as potencialidades, pela autocobrança imperdoável e cobrança da própria igreja, tem produzido ao longo da caminhada ministerial, adoecimentos como: crises de ansiedade, estresse, depressão, fadiga, síndrome de *Burnout*, chegando ao suicídio quando a dor se torna insuportável. A melhor forma de lidar com todos esses percalços é a prevenção.

¹⁴⁸ KOPESKA, 2018, p. 34-35.

¹⁴⁹ Pesquisa da LifeWay Research. **Pesquisa revela por que pastores abandonam o ministério.** Disponível em: <https://www.eismaqui.com.br/ultimas-noticias/pesquisa-revela-por-que-pastores-abandonam-o-ministerio/>. Acesso em 04 ago. 2021.

A prevenção tem mostrado ser o melhor caminho para evitar os colapsos em qualquer área da vida. Ela antecipa os resultados de um processo. Para Leavell & Clarck, a prevenção em saúde "exige uma ação antecipada, baseada no conhecimento da história natural a fim de tornar improvável o progresso posterior da doença".¹⁵⁰ Os autores do livro: *Caniços quebrados: relação de ajuda e restauração de vida de ministros religiosos*, fundamentados nos estudos de Leavell & Clarck, trabalham os três níveis de prevenção voltados para o ministério pastoral: prevenção primária, prevenção secundária, e prevenção terciária. No primeiro nível, promovem-se ações que poderão evitar a queda de ministros religiosos. Na prevenção secundária, os autores trabalham a intervenção junto a ministros religiosos que já tiveram alguma dificuldade com a sua igreja, com finanças, no relacionamento familiar ou matrimonial, com colegas de ministério ou mesmo com pessoas e/ou instituições seculares. Já na prevenção terciária, promovem-se intervenções em situações que já necessitam de processo de recuperação e de reinserção. Este nível de prevenção tenta minimizar o impacto negativo de problemas existentes para restaurar funções e prevenir maiores complicações.¹⁵¹

4.3.1. A autodiferenciação¹⁵² como recurso preventivo

O pastor é humano, tem limites, sofre debilidades, luta com o inimigo de Deus e é também uma ovelha que necessita de cuidados. Não pode prescindir de seu equilíbrio emocional e espiritual para não tombar sob o peso que o ministério lhe impõe. O pastor assembleiano como os demais pastores e pastoras, vivenciam com frequência num mesmo dia o luto de famílias pela manhã; à tarde se alegra com outra família pelo nascimento de um filho; e à noite preside uma reunião com o Conselho Ministerial da igreja para resolver problemas morais de um membro influente da igreja. "As áreas de ação se sobrepõem. Caso o ministro não diferencie cada uma de suas emoções, ao deitar-se no final do expediente terá dificuldades de adormecer".¹⁵³ A diferenciação é de vital importância para não ser esmagado pelo

¹⁵⁰ LEAVELL, S.; CLARCK, E. G. **Medicina Preventiva**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976. p. 17.

¹⁵¹ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 76-78.

¹⁵² É a capacidade de definir as metas e valores pessoais de sua própria vida sem ceder às pressões das pessoas e instituições com as quais convive. A pessoa autodiferenciada tem clareza a respeito de suas crenças básicas e as defende assertivamente enquanto não puder se convencer de algo diferente ou contrário.

¹⁵³ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 79.

peso das demandas, e o pastor precisa entender que a obra é de Deus e que só pode fazer o que está ao seu alcance. As demais coisas devem ser colocadas aos pés da cruz de Cristo.

O sofrimento humano nunca terá fim nesta parca e sofrível existência. Quando um pastor assume cuidados pessoais de seus membros, quando insiste em centralizar todas as questões administrativas, caso se sinta como único e exclusivo responsável pela igreja, logo estará sobrecarregado. As pessoas o assediarão em busca de ajuda em todas as áreas possíveis. Pessoas disponíveis são sempre mais solicitadas do que aquelas que colocam os devidos limites. Aí mora o perigo, se o pastor não souber cuidar de si mesmo, em breve estará exaurido e extenuado.¹⁵⁴

Portanto, a autodiferenciação como recurso preventivo, auxiliará o pastor a desenvolver trabalho em equipe, treinar os pastores auxiliares e os presbíteros da igreja para que eles o ajudem com os seus dons, talentos, habilidades e preferências vocacionais. Para cada situação específica requer seus próprios esforços preventivos. O pastor assembleiano precisa se autodiferenciar para não ser esmagado pelas imposições advindas do próprio sistema, e precisa estar integrado para poder servir a Deus e em determinados momentos saber dizer “não”, sem se sentir culpado pelas intermináveis demandas existentes.

4.3.2 A mentoria torna-se imprescindível à caminhada

Uma lacuna observada dentro do contexto assembleiano em geral é a ausência de mentoria aos pastores. Nesta pesquisa foi constatado que a Igreja sempre se preocupou com a formação de seus líderes através das Escolas Bíblicas de Obreiros realizadas em todo o Brasil; a Escola Bíblica Dominical, também tem sido de suma importância na formação espiritual dos alunos e das alunas. Outras iniciativas nesta área têm sido de vital valor para o desenvolvimento pessoal e ministerial de seus participantes. Todavia, há uma lacuna que precisa urgentemente ser preenchida, trata-se da implantação de mentoria aos pastores, esposas, filhos e filhas. Por conta da falta de pastoreio aos pastores, muitas situações conflitantes poderiam ter sido evitadas. O mentor “[...] é alguém que acredita em outra pessoa,

¹⁵⁴ FRIESEN; AGUIAR, 2016, p. 80.

enxerga possibilidades além do que ela percebe, apoia e nutre, desafia e levanta-a para seu pleno potencial dentro dos propósitos de Deus”.¹⁵⁵

Algumas hipóteses podem ser levantadas, dentro do contexto assembleiano, para justificar a ausência de mentoria aos pastores e famílias pastorais: sua cultura organizacional; medo de expor as fragilidades a outros colegas de ministério; medo de perder o campo eclesial através de medida punitiva de superior hierárquico. Todos esses fatores geram desconfiâncias e o pastor muitas vezes se sente sozinho e não tem a quem procurar para abrir o seu coração. Com isso, acumula sobre si o peso da solidão, do estresse, fadiga, depressão, *burnout* etc., assunto já tratado anteriormente nesta pesquisa. O pastor David Kornfield, aponta por que a maioria de nós não tem um mentor: “[...] por ignorância, complacência, inabilidade de encontrar tal pessoa, medo de nos abrir, e falta de persistência”.¹⁵⁶

A Bíblia menciona nomes de pessoas que atuaram como verdadeiros mentores, entre os quais: Jesus, Paulo, Pedro, João e tantos outros e outras. Um exemplo clássico é o de Barnabé, também conhecido como José de Chipre (Atos 4.35,37). “Verificou para si mesmo que Paulo realmente nasceu de novo. Demonstrou essa coragem, tornou-se o patrocinador, o advogado de Paulo, arriscando sua amizade com os apóstolos, para levar Paulo até eles”.¹⁵⁷ Foi através da confiança que os apóstolos tinham em Barnabé, que as portas foram abertas para Paulo ser recebido e acolhido por eles. Barnabé acreditou em Paulo e o projetou para ser o homem que foi: o bandeirante da fé cristã na Europa, Ásia, e em todo o mundo cristão até os nossos dias. Outro homem mentoreado por Barnabé foi João Marcos, o escritor do evangelho que leva o seu nome. (Atos 15.36-41).¹⁵⁸

Pode ser que sem Barnabé não tivéssemos o ministério de Paulo, as cartas dele, o ministério de Marcos e sua primeira epístola, sem a qual não teríamos as epístolas sinópticas de Mateus e Lucas da forma que as conhecemos hoje, já que se basearam na epístola de Marcos, a predecessora.

Uma mentoria especializada no ambiente eclesiástico tem o poder de salvar vidas, projetar pessoas e atuar na prevenção de inúmeros problemas e sofrimentos desnecessários.

¹⁵⁵ KORNFIELD, David. **O líder que brilha**: sete relacionamentos que levam à excelência. São Paulo: Editora Vida, 2007. p. 201.

¹⁵⁶ KORNFIELD, 2007, p. 204.

¹⁵⁷ KORNFIELD, 2007, p. 229.

¹⁵⁸ **BÍBLIA** Sagrada. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

4.3.3 A relevância do cuidado para a saúde mental

Paulo o apóstolo, ao escrever uma de suas cartas ao jovem pastor Timóteo, seu filho na fé, o advertiu afetuosamente: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem”. (1 Timóteo 4.16).¹⁵⁹ O filósofo Martin Heidegger, em sua famosa obra “Ser e tempo”, fala sobre a importância essencial do cuidado: “Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”.¹⁶⁰ Leonardo Boff, eminente estudioso do tema, apresenta o seu significado: “Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível [...] É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada”.¹⁶¹ Entende-se que o cuidado faz parte da essência humana, sem o cuidado ele define e morre. “Pastores precisam cuidar de sua saúde. Saúde envolve a forma como lidamos com nosso bem-estar físico, emocional, espiritual, mental e financeiro”.¹⁶²

Hoje, o cuidado envolve dimensão holística, perpassando pela estrutura integral do ser humano: biopsicosocioecoespiritual. O pastor como cuidador de almas, que sofre constantes desgastes, precisa voltar sua atenção e cuidar de si mesmo, como recomendou Paulo a Timóteo. Jesus, quando se sentia cansado retirava-se para um lugar de descanso para recarregar as baterias emocionais, espirituais e físicas, conforme Marcos 6.30-34.¹⁶³ Para Clinebell, que trabalha com uma visão integrada, dinâmica e relacional da pessoa humana, “cuidar de si mesma e assumir responsabilidade por si mesma capacitam alguém a entrar nesse tipo de relacionamento onde o crescimento é fomentado”.¹⁶⁴ A igreja assembleiana que cuida, deve proporcionar ao pastor e sua família, momentos de recreação, períodos de férias, descanso semanal e o devido cuidado com a sua saúde mental.

¹⁵⁹ **BÍBLIA** Sagrada. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

¹⁶⁰ HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989. p. 243.

¹⁶¹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 38.

¹⁶² VIEIRA, Samuel; SANTOS, Valdeci. **A saúde do Pastor**. 2018. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/informativo/a-saude-do-pastor-4223>. Acesso em: 07 ago. 2021.

¹⁶³ **BÍBLIA** Sagrada. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

¹⁶⁴ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 31.

4.4 REDE DE APOIO A PASTORES EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

É crescente o campo de atuação do pastor e da pastora em todas as dimensões eclesiais e fora do contexto religioso, também. Diante de tantas demandas ministeriais, urge a necessidade de convergir forças no sentido de um olhar voltado para o apoio integral aos pastores assembleianos, que ao longo dos anos tem se dedicado a essa tarefa tão árdua, porém, gratificante – cuidar de almas.

Diante das constatações de descuido aos pastores e dos pastores a si mesmos, apresenta-se propostas alternativas no sentido do cuidado integral aos pastores assembleianos, chamados também de ministros do evangelho do Senhor Jesus Cristo. Estas propostas, surgidas da reflexão e olhar clínico, de ampla pesquisa bibliográfica, somam elementos multidisciplinares, como a teologia, a psicologia, a sociologia e outras ciências, como se verá a seguir, aglutinando saberes importantes para os objetivos propostos.

4.4.1 Cuidar de si para cuidar de outros

Desde a concepção até a morte, os seres vivos necessitam de cuidado. Sem o devido cuidado, tornam-se mais propensos a enfrentar dissabores, sofrimentos e adoecimentos nas mais importantes áreas da existência: biopsicosocioespiritual.¹⁶⁵ Esse assunto já foi abordado em capítulos anteriores, mas faz-se necessário retomar a discussão para entender outras nuances, ainda não contempladas por esta pesquisa. O pastor assembleiano necessita de cuidado físico, em seus aspectos bio-orgânicos, cuidado emocional, envolvendo saúde psicológica, “cuidado integral” que abarca as diversas dimensões do ser humano.

O apóstolo Paulo em carta enviada ao jovem pastor Timóteo, seu filho na fé, faz recomendações claras sobre o cuidado que todo pastor, deve ter consigo mesmo, sem o qual não estará apto a ajudar outras pessoas. “Tem cuidado de ti mesmo [...]”. (I Timóteo 4.16). “Não descuides por causa disso o cuidado de ti mesmo, e não te dês aos outros até ao ponto de não restar nada de ti, para ti próprio. Certamente, deves ter presente a recordação das almas de quem és pastor, mas não te esqueças de ti mesmo”.¹⁶⁶ Quando ocorre o descuido, o reverso do

¹⁶⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 102.

¹⁶⁶ BORROMEU *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 112.

cuidado, na maioria das vezes, o pastor perde suas forças e adocece. E, como um pastor adoecido vai poder cuidar de outras pessoas? Essa triste realidade tem ocorrido, consideravelmente em nossos dias: Pastores ansiosos, estressados, deprimidos, nervosos, exauridos etc.

4.4.2 O cuidado com a família do pastor

Uma segunda constatação nesta pesquisa que faz parte da rede de apoio ao pastor assembleiano está diretamente ligada à sua família. Um advogado, um engenheiro, um médico, todos eles podem exercer suas profissões e jamais serão interpelados pelos seus clientes, sobre a ausência de suas famílias no ambiente de trabalho. Com o pastor é totalmente diferente! A primeira pergunta que os fiéis fazem, é sobre sua família. Portanto, a família é parte primordial e dentro de uma visão sistêmica, deve receber o mesmo cuidado que o pastor recebe.

O sofrimento do pastor aumenta muito quando sua família não recebe o apoio da igreja. Muitos fiéis exigem perfeição da esposa e filhos ou filhas do pastor, e quando essa idealização não acontece, passam a ser alvos de críticas muitas vezes injustas. “Faz muito tempo, que a pessoa mais sacrificada e machucada da igreja é a esposa do pastor”.¹⁶⁷ Ela passa a ser cobrada pelas suas roupas, maquiagens, desempenho nos cargos e no trabalho de visitas pastorais. Os filhos ou filhas também recebem cobranças excessivas e muitos se afastam da igreja e carregam ressentimentos. Muitas vezes, o próprio pastor contribui com o sofrimento de sua própria família. Descarrega toda emoção tóxica sobre ela, e pressionado pelas constantes demandas existentes, negligencia o cuidado e a atenção devida. “Ninguém que reflita um pouco pode negar que o ministério é potencialmente perigoso para o casamento e para a família do pastor”.¹⁶⁸

Diante do cenário atual, propõe-se que alguma coisa seja feita para mudar o panorama da família pastoral. O pastor e escritor Hernandes Dias Lopes apresenta importante contribuição nesse sentido: “Os pastores precisam resgatar urgentemente a prioridade de cuidar da família”.¹⁶⁹ É preciso que haja harmonia e

¹⁶⁷ KEMP, Jaime. **Pastores em perigo**. São Paulo: Sepal, 1996. p. 57.

¹⁶⁸ JÚNIOR, John MacArthur. **Redescobrimo o ministério pastoral: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 177.

¹⁶⁹ LOPES, Hernandes Dias, **De Pastor a Pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 29.

equilíbrio entre o cuidado com a família e o ministério pastoral. Ambos são importantes, mas a prioridade deve ser da família, uma vez que ela sendo bem cuidada, todos ganham: igreja, família e pastor. “O melhor caminho é que toda a família ame o ministério e trabalhe unida e coesa no sentido de apoiar o ministério pastoral”.¹⁷⁰

A UNEMAD – União Nacional das Esposas de Ministros das Assembleias de Deus¹⁷¹ foi criada com o objetivo de apoiar as esposas de pastores em sua árdua missão. Em 2002, foi criado também a UFIMADEB – União dos Filhos de Ministros das Assembleias de Deus no Estado da Bahia¹⁷², para apoiar os filhos e as filhas dos pastores em seu desenvolvimento pessoal e espiritual. Esses órgãos trabalham como uma rede de apoio espiritual, social, emocional e relacional. Iniciativas louváveis como estas repercutem positivamente no bem estar pastoral.

4.4.3 Proposta de mentoria aos pastores assembleianos

A falta de preparo adequado tem sido um fator negativo e um peso na vida do pastor. O pastoreio além do chamado requer capacitação e o desenvolvimento de habilidades. Quando isso não acontece, os fiéis demonstram insatisfação em relação ao desempenho pastoral. Existe uma diferença abismal entre a teoria e a prática. A formação em um seminário teológico, às vezes não é o suficiente para um ministério bem-sucedido. A missão apresenta nuances inéditas e desafiadoras. A mentoria torna-se imprescindível em seu jornada ministerial. “Os mentores lhe darão força, direção e esperança, mesmo quando você atravessar as passagens mais estreitas e atemorizantes da vida”.¹⁷³

A presente geração de pastores parece estar mais interessada em questões do coração, como integridade, humildade, fidelidade, santidade pessoal, fome espiritual e serviço, do que nas habilidades normalmente associadas

¹⁷⁰ LOPES, 2008, p. 29.

¹⁷¹ UNEMAD. Disponível em: https://www.instagram.com/unemad/?utm_source=ig_profile_share&igshid=1c7nunzb3636s. Acesso em: 02 set. 2021.

¹⁷² UFIMADEB. Disponível em: <https://www.instagram.com/ufimadeb.oficial/?hl=pt>. Acesso em: 02 set. 2021.

¹⁷³ CORDEIRO, Waine. Mentores segundo o coração de Deus: preserve sua alma, estabeleça seu legado e mantenha viva a Palavra de Deus dentro de você. Tradução Andrea Filatro. São Paulo: Editora Vida, 2008. p. 13.

ao ministério – pregação, evangelização, ensino, administração e visitação.¹⁷⁴

As Assembleias de Deus, por se tratar de ser a maior denominação pentecostal do mundo, e da relevância que ocupa em solo brasileiro, necessita com urgência desenvolver um projeto nacional de mentoria aos seus pastores. Essa lacuna existente tem sido também, uma das causas de sofrimento psíquico devido à complexidade da igreja em seu atual contexto, exigindo do pastor um preparo em todas as áreas. “Hoje em dia, principalmente no Ocidente, muitos pastores estão lutando isoladamente, sem um pastor para nutrir-lhes as almas. Lamentavelmente, muitos destes, se não passarem por uma mudança radical, não completarão a carreira”.¹⁷⁵

4.4.4 A importância de uma rede de apoio aos pastores

O pastor e psicólogo José Cássio Martins, na entrevista para a revista *Ultimato*, fala sobre a urgência das denominações eclesiais olharem com compaixão para as necessidades espirituais, emocionais e físicas dos seus pastores e pastoras, entendendo que esses também precisam ser cuidados por outros pastores e pastoras.¹⁷⁶

Uns poucos pastores procuram ajuda. Menos mal, pois ajuda é coisa de Deus. Porém, a grande maioria segue em frente com os problemas, forçando o organismo e a capacidade pessoal, na base da “força de vontade” e da conhecida “consagração ao ministério”. Esta pode chegar a ponto de fazer a saúde pessoal, a família e o lazer, bem como a própria vida devocional, serem esquecidos. Os resultados são trágicos. É a realidade da tensão, do cansaço, do desgaste humano, emocional e espiritual, como Ricardo Gondim apontou recentemente. Sim, o pastor precisa de um pastor. Urgente, pois tem necessidades pessoais como todo ser humano.¹⁷⁷

No Brasil, já existe em funcionamento, algumas redes de apoio aos pastores. O MAPI – Ministério de Apoio a Pastores e Igrejas, iniciou-se no Brasil em

¹⁷⁴ SMITHER, Edward L. **Agostinho como mentor: um modelo para preparação de líderes.** Tradução Odair Olivetti. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 11.

¹⁷⁵ SMITHER, 2012, P. 11.

¹⁷⁶ GRZYBOWSKI, Carlos “Catito” (Org.). In: Marcelo Perpétuo. **Quando a dor se torna insuportável: reflexões sobre porque pessoas se suicidam.** 2ª. Edição. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 83.

¹⁷⁷ MARTINS, José Cássio. **Pastor precisa de pastor?** Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/pastor-precisa-de-pastor>. Acesso em: 01 set. 2021.

fevereiro de 1992, através do ministério do missionário da Sepal, David Kornfield.¹⁷⁸

Dentre os objetivos propostos pelo MAPI, encontram-se:

1. Fortalecer o ministério do pastoreio de pastores nos estados por meio de visitas, reuniões periódicas com os líderes estaduais via skype e o encontro anual dos líderes estaduais.
2. Promover o crescimento dos grupos de pastoreio, incluindo os vários ministérios do MAPI, nos próximos três anos na proporção de 20% ao ano.
3. Fortalecer os ministérios do MAPI nestes próximos anos iniciando 2018 com três ministérios firmes e ativos: Pastoreio de Pastores, Pastoreio de esposas e mulheres em ministério, REVER, e acrescentar novos ministérios a cada ano.
4. Estruturar os ministérios de discipulado e o de pastores da nova geração, terminando 2018 com cinco ministérios.
5. Estruturar em 2019 o ministério de igrejas saudáveis e o ministério LIMAR, terminando 2019 com sete ministérios.
6. Estruturar em 2020 os três últimos ministérios, o ministério de pastoreio nas denominações e o ministério de cuidado do casamento e da família pastoral e o TEMA – ministério de aconselhamento, assim completando os dez ministérios previstos.
7. Estabelecer em todos os ministérios o DNA do MAPI. *Pastores saudáveis*, gerando *Lideranças saudáveis*, por meio de *Pequenos grupos* de crescimento intencional.¹⁷⁹

Outra rede de apoio importante é a SEPAL – Servindo aos Pastores e Líderes. A SEPAL desenvolve estratégias de pastoreio e mentoria de pastores, pastoras e cônjuges e de líderes de igreja local.¹⁸⁰ Dentro das Assembleias de Deus no Brasil, a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil¹⁸¹, liderada pelo pastor José Wellington da Costa Júnior, percebe-se preocupação e empenhado esforço considerável, no sentido de assistir aos pastores e suas famílias, através da realização de ELADs – Encontro de Líderes das Assembleias de Deus.¹⁸² Esses encontros são salutares e enriquecedores porque promovem a comunhão, a fraternidade e o crescimento pessoal, familiar e ministerial dos pastores e famílias. Nessas ocasiões os pastores levam consigo esposas e filhos ou filhas e aproveitam para passeios e recreações.

As Convenções Estaduais, por sua vez, têm realizado redes de apoio aos pastores e suas famílias, no sentido de integrar, confraternizar e promover o seu desenvolvimento espiritual, ministerial e familiar. Os eventos acontecem duas vezes ao ano e são bastante frequentados. Atualmente, devido à pandemia da Covid-19,

¹⁷⁸ MAPI – Disponível em: <http://pastoreiodepastores.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 02 set. 2021.

¹⁷⁹ MAPI. Disponível em: <http://pastoreiodepastores.com.br/novo-mapi/>. Acesso em 02 set. 2021.

¹⁸⁰ SEPAL. Disponível em: <https://sepal.org.br/quem-somos/>. Acesso em 02 set. 2021.

¹⁸¹ CGADB. Disponível em: <http://cgadb.org.br/>. Acesso: 08 set. 2021.

¹⁸² ELAD. Disponível em: <https://meums.com.br/o-elad-evento-nacional-das-assembleias-de-deus-do-belem-ocorreu-pela-primeira-vez-em-dourados-ms/>. Acesso: 08 set. 2021.

estão suspensos. Esses encontros semestrais são enriquecedores e contribuem com o alívio do sofrimento psíquico, porque os pastores sentem-se apoiados pela liderança da igreja. Nos estados, também, acontecem reuniões regionais com o objetivo de promover aproximação e apoio, através de estudos bíblicos e instruções saudáveis de ajuda mútua. O encorajamento, principalmente em tempos de crises, auxilia na diminuição da ansiedade, estresse, depressão e outros sofrimentos que acometem o pastor no exercício de sua missão.

Destarte, o pastor assembleiano sente-se cuidado pela sua igreja. Porém, algo mais pode ser feito e todos usufruirão do bônus: o pastor, sua família, a igreja e a sociedade em geral. Por exemplo, a criação de centros terapêuticos em cada estado da federação, um espaço seguro, voltado para o acompanhamento psicoterápico, onde não houvesse nenhum tipo de julgamento ou punição e que o pastor e sua família fossem acolhidos e tratados de traumas, feridas emocionais e doenças psicossomáticas. Constata-se que uma boa parte dos pastores está sofrendo e necessitam com urgência de atenção e cuidado. A psicóloga Roseli Oliveira, menciona que existem no Brasil movimentos de apoio aos pastores. Cita o secretário de apoio pastoral, José Cássio Martins, que esclarece que as diferenças denominacionais são apenas de nome e doutrina, sendo que a situação dos pastores é praticamente a mesma em qualquer igreja ou denominação.¹⁸³

¹⁸³ OLIVEIRA, 2012, p. 115.

5 CONCLUSÃO

Ao transitar pelo arcabouço teórico que permeia as áreas da teologia prática e da psicologia, buscamos compreender as dimensões do sofrimento psíquico em pastores das Assembleias de Deus no Brasil, especificamente ao quadro de pastores filiados a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Daí o termo genérico usado durante a escrita desta dissertação, tendo em vista a não ordenação de mulheres ao pastorado por esta instituição religiosa.

Logo no primeiro capítulo desta pesquisa bibliográfica, ao escrever sobre a história da Assembleia de Deus, fundada em 18 de junho de 1911, pelos missionários suecos que moravam nos Estados Unidos da América, Daniel Berg e Gunnar Vingren, constatamos que o sistema de governo assembleiano é um misto de congregacional e episcopal, e o modelo episcopal tornou-se prevalente, o que pode gerar adoecimento ao pastor presidente, pois toda responsabilidade da igreja esbarra nele.

As decisões, desde as mais simples até as mais complexas, como autorização de pagamentos das contas, a realização de compras de materiais de construção, a indicação de cargos, a realização de cultos, a consagração de novos obreiros, a presidência de reuniões ministeriais e assembleias gerais, tudo recai sobre seus ombros. E essa sobrecarga, sem sombra de dúvidas, vivenciada diariamente, acaba provocando sofrimento psíquico ao pastor assembleiano.

Além do acúmulo de tarefas devido ao sistema de governo adotado pelas Assembleias de Deus no Brasil, averiguou-se que a solidão, o sentimento de culpa, a ansiedade, o estresse, a depressão, a síndrome de *Burnout*, e o risco de suicídio, são sofrimentos típicos vivenciados pelos pastores assembleianos no exercício ministerial. Esse contexto eclesial necessita ser mudado com certa urgência. A igreja precisa ser um ambiente mais saudável. Passar a olhar de forma diferenciada para a figura do pastor, não o idealizar como se ele fosse um “semideus”, uma pessoa perfeita, um ser humano forte que não apresenta nenhum tipo de vulnerabilidade, e sim como uma pessoa suscetível a falhas, defeitos, limitações e com necessidades de descansar, de poder dizer um não sem sentir nenhum medo de ser rejeitado ou incompreendido. Esse apoio torna-se imprescindível ao pastor e sua família em se tratando de saúde mental.

Outra proposta que julgamos interessante seria a criação de mentoria aos pastores. Percebemos essa lacuna dentro da denominação. O pastor não tem o acompanhamento de uma pessoa mais experiente que esteja ao seu lado promovendo crescimento e segurança diante de tão grande responsabilidade. A Bíblia relata no Novo Testamento que Paulo foi mentoreado por Barnabé; Marcos foi mentoreado por Pedro. Por sua vez, Timóteo recebeu mentoria do apóstolo Paulo. Os discípulos foram mentoreados por Jesus em seu jornada. Em consonância com os ensinamentos bíblicos, os pastores são merecedores de um trabalho de mentoria na atualidade.

Por fim, buscamos através desta pesquisa compreender a dinâmica da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, em termos de cuidado e acolhimento aos seus pastores e familiares. Verifiquei que a entidade eclesial tem feito o possível através da promoção de encontros de líderes, convenções, e até viagens recreativas. Todavia, ainda é muito pouco para contemplar todas as demandas que envolvem a vida do pastor e de sua família, principalmente no que se refere ao cuidado com a sua saúde mental. Constatamos que a criação de uma rede de apoio aos pastores é de vital importância. Um espaço onde o pastor possa abrir o seu coração e compartilhar com confiança, sem sofrer nenhum tipo de julgamento pelas suas palavras e ações. Onde fosse acolhido e respeitado como ser humano e não somente pelo fato de ser pastor.

Essa pesquisa não quer ser uma conclusão do tema, pois há muito a ser pesquisado ainda, mas um impulso para futuros trabalhos acadêmicos que são de fundamental importância também, como desafio, para as Assembleias de Deus no Brasil.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira:** Assembleias de Deus – 1911 a 2011. São Paulo: Recriar; Vitória: Editora Recriar, 2019.

ARAÚJO, Isael de. **José Wellington Biografia.** CPAD: Rio de Janeiro, 2012.

Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Assembleias_de_Deus_no_Brasil. Acesso em: 12 mar. 2021.

BERNDR, Christina. **Resiliência:** o segredo da força psíquica. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BÍBLIA Sagrada King James Atualizada. Casa Publicadora Paulista. Várzea Paulista – SP – Brasil, 2020.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida:** avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio:** estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1991.

CGADB. Disponível em: <http://cgadb.org.br/>. Acesso: 08 set. 2021.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral:** modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão.** São Paulo: Vida Nova, 1995.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro, CPAD, 2018.

CORDEIRO, Wayne. **Mentores segundo o coração de Deus:** preserve sua alma, estabeleça seu legado e mantenha viva a Palavra de Deus dentro de você. Tradução Andrea Filatro. São Paulo: Editora Vida, 2008.

CORDEIRO, Wayne. **Andando com o tanque vazio?:** encha o tanque e renove a paixão. Tradução Emerson Justino. São Paulo: Editora Vida, 2011.

DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E; & JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho:** contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho:** Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez. 1992.

EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. **O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho.** Aletheia 30, p. 197-212, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n30/n30a16.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ELAD. Disponível em: <https://meums.com.br/o-elad-evento-nacional-das-assembleias-de-deus-do-belem-ocorreu-pela-primeira-vez-em-dourados-ms/>. Acesso: 08 set. 2021.

ELLISON, C.W. **Solidão, uma doença psicológica.** Rio de Janeiro: Record, 1980.

ÉTIKA Soluções – Assessoria Contábil. **Igreja:** tipos de governo eclesiástico. Disponível em: <https://etikasolucoes.com.br/igreja-tipos-de-governo-eclesiastico>. Acesso em 04 ago. 2021.

FÁBIO, Caio. **Esgotamento do pastor.** Disponível em: <https://ejesus.com.br/esgotamento-do-pastor/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FERREIRA, Israel Alves. **As emoções de um líder:** como administrar corretamente as suas emoções. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil:** da Constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 1993.

FRIESEN, Albert; AGUIAR, Odinal Ferreira. **Caniços quebrados:** relação de ajuda e restauração de vida de ministros religiosos. Curitiba: Olsen, 2016.

GOSPELMAIS. **O que faz um pastor.** Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com.br/o-que-faz-um-pastor.html>. Acesso em: 03 jun. 2021.

GRZYBOWSKI, Carlos “Catito” (Org.). In: Marcelo Perpétuo. **Quando a dor se torna insuportável:** reflexões sobre porque pessoas se suicidam. 2ª. Edição. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento e cuidado pastoral.** Joinville: Editora Grafar, 2019.

JÚNIOR, John MacArthur. **Redescobrimo o ministério pastoral:** moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

KEMP, Jaime. **Pastores em perigo.** São Paulo: Sepal, 1996.

KOPESKA, Marcos. **O pastor na modernidade líquida**: como sobreviver a esta era e ter um ministério duradouro. Curitiba (PR): Editora Schütz, 2018.

KORNFELD, David. **O líder que brilha**: sete relacionamentos que levam à excelência. São Paulo: Editora Vida, 2007.

LACERDA, Everton A. P. **Suicídio de Pastores**: uma análise dos fatores de risco que contribuem para a consumação do suicídio. São Paulo: Pé de Lima, 2019.

LEAVELL, S.; CLARCK, E. G. **Medicina Preventiva**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

LIMA, Elinaldo Renovato. **Lições Bíblicas**. Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário. Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre de 2021.

LOPES, Hernandes Dias, **De Pastor a Pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008.

LOPES, Jamiel de Oliveira. **Psicologia Pastoral**: a ciência do comportamento humano como aliada ministerial. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

LOTUFO NETO, Francisco. **Psiquiatria e religião**: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Livre-docente junto ao Departamento de Psiquiatria São Paulo 1997.

LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. São Paulo: Editora Vida, 2000.

MALAVOLTA, Andréa. Jornal da Unicamp, p. 8-9, 2000. **As novas formas de sofrimento**. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/out2000/pagina8e9-Ju155.html. Acesso em: 04 ago. 2021.

MAPI. Disponível em: <http://pastoreiodepastores.com.br/novo-mapi/>. Acesso em: 02 set. 2021.

MARTINS, José Cássio. **Pastor precisa de pastor?** Disponível em: <https://www.ultimo.com.br/conteudo/pastor-precisa-de-pastor>. Acesso em: 01 set. 2021.

MAY, Rollo. **The Meaning of Anxiety**. New York: Norton, 1977.

MURPHY, P. M.; KUPSHIK, G. A. **Loneliness, stress and well-being**. New York & London: Tavistock/Routledge, 1992.

NARRAMORE S. Bruce, **“Guilt: Where Theology and Psychology Meet”**. NEMAD. Disponível em: https://www.instagram.com/unemad/?utm_source=ig_profile_share&igshid=1c7nunzb3636s. Acesso em: 02 set. 2021.

NOUWEN, Henri J. M. **Reaching Out**. Garden City, NY: Doubleday, 1975.

OLIVEIRA, Joanyr de. **As Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, CPAD, 1997.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich. **Cuidando de quem cuida**: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus. Joinville (SC): Grafar, 2012.

PEREIRA, Ana Maria T. Benevides, (org). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos presbíteros**: dor institucional. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013.

Pesquisa da LifeWay Research. **Pesquisa revela por que pastores abandonam o ministério**. Disponível em: <https://www.eismaqui.com.br/ultimas-noticias/pesquisa-revela-por-que-pastores-abandonam-o-ministerio/>. Acesso em 04 ago. 2021.

PETERSON, Eugene. **A vocação espiritual do pastor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

PORTE JÚNIOR, Wilson. **Depressão e graça**: o cuidado de Deus diante do sofrimento de seus servos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2016.

QUARESMA, Marcos. **Suicídio de pastores e líderes** – uma reflexão necessária. Disponível em: <https://sepal.org.br/suicidio-de-pastores-e-lideres-uma-reflexao-necessaria>. Acesso em: 04 nov. 2021.

REIS, Phelipe. **Pesquisas apontam os desafios pastorais e as tendências da igreja na pós-pandemia**. Ultimato Online, 2021. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/pesquisas-apontam-os-desafios-pastorais-e-as-tendencias-da-igreja-na-pos-pandemia>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SANTOS, Adrielly Machado Araujo. **Suicídio e o Ministério Pastoral**. Disponível em: <http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/187/188>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTOS, Roberto José. **Competências para o Ministério Pastoral**: um olhar contextualizado e bíblico da legítima chamada ministerial. CPAD: Rio de Janeiro, 2019.

SELYE, H. **The stress of life**. New York, McGrawHill, 1965.

SEPAL. Disponível em: <https://sepal.org.br/quem-somos/>. Acesso em 02 set. 2021.

SMITHER, Edward L. **Agostinho como mentor**: um modelo para preparação de líderes. Tradução Odair Olivetti. São Paulo: Hagnos, 2012.

SPURGEON, Charles. **The Ministers Fainting Fits**, Lecture XL. Disponível em: www.the-highway.com/articleSept99.html. Acesso em: 24 jun. 2021.

TELES, Leandro. **Depressão não é fraqueza**: como reconhecer, prevenir e enfrentar a doença mais incapacitante do cérebro. São Paulo: Alaúde Editorial, 2019.

TELES, Leandro. **O cérebro ansioso**: aprenda a reconhecer, prevenir e tratar o maior transtorno moderno. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

UFIMADEB. Disponível em: <https://www.instagram.com/ufimadeb.oficial/?hl=pt>. Acesso em: 02 set. 2021.

VIEIRA, Samuel; SANTOS, Valdeci. **A saúde do Pastor**. 2018. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/informativo/a-saude-do-pastor-4223>. Acesso em: 07 ago. 2021.

VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro**. CPAD, Rio de Janeiro: 2018. (Prefácio do missionário Lewi Pethrus).

WONDRACEK, Karin H. K; HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. (org.). **Sombras da alma**: tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.